

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
LITERATURA, SOCIEDADE E INTERARTES**

INGRID CAROLINE BENATTO

**“SÃO TEMPOS SOMBRIOS, NÃO HÁ COMO NEGAR”: HARRY
POTTER E O TERCEIRO REICH**

PATO BRANCO

2023

INGRID CAROLINE BENATTO

“SÃO TEMPOS SOMBRIOS, NÃO HÁ COMO NEGAR”: HARRY
POTTER E O TERCEIRO REICH

“THESE ARE DARK TIMES, THERE IS NO DENYING”: HARRY
POTTER AND THE THIRD REICH

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Tecnológica Federal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marcia Regina Becker

PATO BRANCO

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco



INGRID CAROLINE BENATTO

SÃO TEMPOS SOMBRIOS, NÃO HÁ COMO NEGAR : HARRY POTTER E O TERCEIRO REICH

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Data de aprovação: 30 de Março de 2023

Marcia Regina Becker, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Gisele Dos Santos Da Silva, Doutorado - Prefeitura Municipal de Curitiba, Pr

Dra. Mariese Ribas Stankiewicz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Regina Helena Urias Cabreira, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 30/03/2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Valquíria Bastos e Edson Benatto, por terem me ensinado a ler e me apresentado desde criança ao mundo mágico dos livros.

À minha irmã Isadora Benatto, por me mostrar que nem todos os Sonserinos são inimigos.

À minha orientadora Marcia Becker, pela parceria nesse e em outros projetos, e por compartilhar o entusiasmo pela saga.

À Espiritualidade Maior, pela força invisível nos momentos de dúvida.

Por fim, agradeço aos meus amigos, sejam eles Grifinórios, Lufanos, Sonserinos e Corvinais, por me acompanharem nessa jornada.

O mundo não se divide em pessoas boas e más. Todos temos luz e trevas dentro de nós. O que importa é o lado no qual decidimos agir. Isso é o que realmente somos. (ROWLING, 2005)

Não há nada mais indigno para um povo civilizado do que se deixar “governar” sem resistência por uma corja de déspotas irresponsáveis, movida por instintos obscuros. (SCHOLL, 2014, p. 91)

Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz! (SCHOLL, 2014, p. 106)

RESUMO

A saga *Harry Potter*, escrita pela britânica JK Rowling, conta a história de um órfão criado pelos tios, que teve uma infância infeliz e normal. Aos onze anos, o protagonista que dá nome à saga descobre que é na verdade um bruxo, assim como seus falecidos pais. Ao mesmo tempo em que Harry descobre as maravilhas do mundo bruxo, descobre também que este não é isento de falhas. A sociedade bruxa possui uma estrutura própria – sua própria escola, estrutura governamental e, também, seus próprios preconceitos. Tais preconceitos aludem às políticas segregacionistas propagadas na Europa ocupada pelo regime nazista (1933-1945). Isto posto, este trabalho objetiva analisar de que forma a saga literária *Harry Potter* espelha os acontecimentos sombrios do Terceiro Reich, como a presença de personagens ditadores, aspectos de um governo totalitário no mundo bruxo, bem como movimentos de resistência a esse totalitarismo. Esta proposta se enquadra no campo da Literatura Comparada, visto que procura traçar possíveis comparações entre o texto literário e acontecimentos históricos. As considerações de Nitrini (2015), Carvalhal (2003) e Wellek (1994) serão utilizadas como suporte teórico para as discussões de ordem comparatista. Em um primeiro momento, situaremos a saga dentro das possíveis definições propostas por Roas (2014) em relação à área de literatura fantástica e as de Rodrigues (2018), em relação à verossimilhança. Em seguida, será feito um estudo histórico do Terceiro Reich com base no trabalho dos historiadores Evans (2014; 2016), Fest (1976) e Rollemberg (2016). Por fim, serão apontadas possíveis correlações entre o Terceiro Reich e episódios ocorridos na saga literária. Foi possível identificar que tanto a saga literária quanto o período histórico estudado passaram por uma época totalitária, sob o domínio de ditadores, no qual as minorias foram estigmatizadas. Houve também núcleos de resistência tanto em *Harry Potter* quanto na Alemanha nazista, os quais possuem também similaridades entre si.

Palavras-chave: *Harry Potter*; Terceiro Reich; literatura comparada; ditadores; resistência.

ABSTRACT

The *Harry Potter* saga, written by the British author JK Rowling, tells the story of an orphan boy, who had an unhappy and normal childhood, raised by his aunt and uncle. At eleven, the protagonist who names the saga discovers he is a wizard, just like his deceased parents. As Harry discovers the wonders of the wizarding world, he also finds out its flaws. The Wizarding society has a structure of its own – its school, government structure, and also its own prejudices. Such prejudices directly allude to the segregationist policies in Europe occupied by the Nazi regime (1933-1945). Having said that, this work aims to analyze how the *Harry Potter* literary saga mirrors the dark events of the Third Reich, such as the presence of dictator characters, aspects of a totalitarian government in the wizarding world, as well as resistance movements to this totalitarianism. This proposal fits into Comparative Literature, as it seeks to draw possible comparisons between the literary text and historical events. The considerations of Nitrini (2015), Carvalhal (2003) and Wellek (1994) will be used as theoretical support for discussions of a comparative nature. First, we will place the saga within the possible definitions proposed by Roas (2014) on the area of fantastic literature and those by Rodrigues (2018), concerning verisimilitude. Then, a historical study of this period will be carried out based on the work of historians such as Evans (2014; 2016), Fest (1976), and Rollemberg (2016). Finally, possible correlations between the Third Reich and episodes that occurred in the literary saga will be pointed out. It was possible to identify that both the literary saga and the historical period studied went through a totalitarian era under the rule of dictators, which stigmatized minorities. There were also groups of resistance in both *Harry Potter* and Nazi Germany, which also have similarities to each other.

Keywords: *Harry Potter*; Third Reich; comparative literature; dictators; resistance.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. A CONSTRUÇÃO DO MUNDO MÁGICO	14
2.1. O Maravilhoso Mundo Mágico.....	14
2.2. A Verossimilhança das personagens	17
2.3. A Sociedade dos Bruxos	18
2.4. Comparando histórias	22
3. O TERCEIRO REICH	25
3.1. O Totalitarismo Nazista.....	25
3.2. A Alemanha em crise	27
3.3. O Führer	29
3.4. O antissemitismo.....	35
3.5. A resistência	38
4. DITADORES.....	43
4.1. Lord Voldemort.....	43
4.2. Voldemort e Hitler.....	47
4.3. Os Ditadores no Mundo Bruxo.....	49
4.4. Os ditadores e o Mal	59
5. RAÇA E CLASSE NO MUNDO BRUXO.....	62
5.1. Os Nascidos Trouxas	62
5.2. Duendes e Elfos.....	67
5.3. O Corpo Docente de Hogwarts.....	71
5.4. Preconceito em dois mundos.....	73
5.5. O Estigma.....	75
6. RESISTÊNCIAS	79
6.1. A Ordem da Fênix.....	79
6.2. A Armada de Dumbledore.....	81
6.3. Contra o totalitarismo	83
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
8. REFERÊNCIAS	91

1. INTRODUÇÃO

Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele! (ROWLING, 2000a, p. 17)

As palavras do trecho acima, proferidas pela personagem Minerva McGonagall no início do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000a), provaram-se verdadeiras não apenas para as crianças do mundo bruxo, mas também para crianças, jovens e adultos do mundo real. Mundialmente conhecida, a saga *Harry Potter* (ROWLING, 2000–2007) tornou-se um fenômeno literário, e desempenhou importante papel na formação de uma geração de leitores.

Harry Potter, protagonista que dá nome à saga, teve uma infância banal e infeliz até os onze anos, momento em que descobre ser um bruxo, assim como tinham sido seus falecidos pais. Resgatado para o mundo mágico ao qual realmente pertence, Harry passa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, na qual inicia a sua educação bruxa, embarcando numa jornada de aventuras perigosas, criaturas fantásticas, amizade e magia.

Lord Voldemort, mais comumente chamado “Aquele Que Não Deve Ser Nomeado” ou “Você-sabe-quem”, é o principal vilão da saga. Foi o assassino de Lílian e Tiago Potter, pais de Harry, porém falha ao tentar matar o garoto quando ele tinha apenas um ano. O principal conflito se dá entre os dois. Em sua busca pelo poder e pela imortalidade, o vilão, juntamente com seus seguidores, comete diversas ações monstruosas contra o protagonista e outros personagens no decorrer da narrativa, até ser definitivamente derrotado.

Harry Potter e a Pedra Filosofal (ROWLING, 2000a) é o primeiro dos sete volumes da saga. Nele, nos ambientamos com os espaços mágicos que permeiam a narrativa: a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o Gringotes, banco dos bruxos, o Beco Diagonal, local onde é possível encontrar artefatos mágicos da lista de material escolar. Conhecemos também Rony Weasley e seus irmãos, e Hermione Granger. Os três se tornam melhores amigos, e essa amizade perdura como uma característica central da saga. Em *A Pedra Filosofal* (ROWLING, 2000a), a jornada de Harry, Rony

e Hermione gira em torno da pedra filosofal, objeto mágico que concede vida eterna a quem a possui. Movidos pelo medo de que a pedra acabe em mãos erradas, o trio cumpre uma série de desafios para chegar à pedra antes que o vilão consiga. Ainda que tenha contado com grande ajuda dos amigos nas etapas anteriores, é Harry quem chega sozinho à última etapa, e se vê frente a frente com Voldemort pela primeira vez.

Aparentemente derrotado, o vilão se mantém vivo na narrativa de diferentes formas, seja através de suas lembranças escritas em um diário, seja pelo temor do seu retorno. É apenas no fim do quarto livro, *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), que Harry e Voldemort voltam a se encontrar, quando o vilão recupera sua forma física e os dois se envolvem em um novo conflito físico. O retorno de Voldemort foi presenciado apenas por Harry, e o número de pessoas que acredita em seu testemunho se mostra perigosamente pequeno. Dessa forma, em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), quinto volume, Harry é desacreditado por grande parte de seus colegas, e principalmente pelas autoridades mágicas, que se recusam a reconhecer o retorno do bruxo das trevas mais temido dos últimos anos. Quando ocorre o inevitável reconhecimento desse retorno, apenas no final do volume, o mundo bruxo passa a viver em uma atmosfera de medo e insegurança. Em *Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), último livro da série, Voldemort está mais forte do que nunca, e a sociedade bruxa vive sob um regime basicamente totalitário.

Conforme o leitor se familiariza com o mundo bruxo junto com Harry, descobre que a sociedade mágica tem sua própria organização – suas próprias regras, costumes, governantes, e seus preconceitos e defeitos. A partir do segundo volume, *Harry Potter e a Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b), percebemos a distinção entre os bruxos nascidos em famílias totalmente bruxas, os puro-sangue, e bruxos nascidos em famílias em que nenhum membro possui poderes ligados à bruxaria, conhecidas como *trouxas*. Os bruxos nascidos trouxa¹ são considerados por parte da comunidade mágica como sendo inferiores aos puro-sangue, e por eles nomeados pejorativamente de *sangue ruim*. Bruxos com apenas um dos genitores bruxo ou bruxa são chamados de *mestiços*, e também são considerados inferiores, ainda que sejam mais bem aceitos entre os bruxos de sangue puro. Nesse viés, não apenas os trouxas, bruxos de *sangue ruim* e mestiços eram considerados inferiores, mas também outras classes de criaturas, como elfos domésticos, lobisomens e centauros.

¹ O livro utiliza o termo “nascidos trouxa” para designar bruxos que nasceram em famílias não mágicas.

A importância da pureza racial é pregada por Lord Voldemort e seus aliados, crença que acarreta duas guerras na sociedade bruxa. A primeira ocorre num tempo anterior ao primeiro volume da série, e tem fim quando Voldemort assassinou Lílian e Tiago Potter, e falha ao tentar matar Harry, filho do casal. Quando o vilão recupera sua forma física e seus fiéis seguidores em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2001), gradualmente uma segunda guerra começa a tomar forma no mundo bruxo.

A hostilidade enfrentada pelas minorias no mundo bruxo, especialmente quando Voldemort e seus aliados exercem domínio sobre a comunidade mágica, em muito se assemelha aos terrores do regime totalitário alemão conhecido como Terceiro Reich. Tal semelhança foi reconhecida por Smadja (2004, p.22) “[...] quando o discurso se versa sobre Voldemort, as alusões ao nazismo se tornam evidentes”. A autora menciona também o uso do sobrenome do ditador português Antônio Salazar² para nomear o fundador da Sonserina, casa em que Voldemort viveu durante seu tempo em Hogwarts, o uso de tortura por parte de Voldemort e seus seguidores, além do emprego do termo hostil *sangue ruim* para se referir aos bruxos que não nasceram em famílias de sangue puro.

Outra teórica que se propôs a analisar possíveis intersecções entre *Harry Potter* e eventos da Segunda Guerra Mundial foi Nancy R. Reagin (2011). A autora traça um paralelo entre o ditador Adolf Hitler e o vilão Lord Voldemort. Ela discorre também sobre as inegáveis correspondências entre o tratamento dispensado aos judeus e outras minorias na Alemanha Nazista a partir do momento em que Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha – período de doze anos conhecido como “Terceiro Reich” – e os personagens bruxos de ancestralidade considerada inferior e outras minorias do mundo mágico.

O estudo da saga no meio acadêmico permeia diversas áreas. Além de trabalhos na área de Letras, como os da dissertação da estudiosa Beatriz Masson³ sobre o impacto da saga na formação de leitores, e os desenvolvidos no e-book *Caminhos para Harry Potter* (2022), há estudos na área de psicologia, história, ensino-

² Antônio de Oliveira Salazar foi um ditador nacionalista, que governou Portugal como presidente do Ministério entre 1932 e 1933, e depois como Presidente do Conselho de Ministros, entre 1933 e 1968. Posteriormente, este período ficou conhecido como Salazarismo.

³ FRANCISCO, B. M. **Leitores e leituras de Harry Potter**. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/en.php>>. Acesso em: 22 de abril de. 2023.

aprendizagem e cinematografia que analisam diferentes vieses de *Harry Potter*.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma a saga literária *Harry Potter* espelha certos acontecimentos sombrios do Terceiro Reich: a presença forte de um ditador e um governo totalitário, políticas segregacionistas envolvendo judeus e outras minorias, e também células de resistência a esses horrores. Este objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos. O primeiro é buscar correlações entre o ditador Adolf Hitler e o personagem Lord Voldemort, além de observar a possível existência de outros personagens ditatoriais. O segundo é discorrer sobre as questões raciais dentro da saga literária em comparação com aquelas características do Terceiro Reich. Por fim, o terceiro objetivo específico é analisar como se deu a resistência ao regime nazista dentro da própria Alemanha, e aquela relacionada ao poderio de Voldemort.

O texto é dividido em sete capítulos. Após este introdutório, o capítulo *A Construção do Mundo Bruxo* trará as considerações de Roas (2014) sobre a *Literatura Fantástica* e seus desdobramentos. Neste mesmo capítulo, serão tecidas considerações acerca da *Literatura Comparada*, mais especificamente no que tange à relação interdisciplinar entre Literatura e História. Tais considerações terão como aporte teórico os estudos de Sandra Nitrini (2015) e Tânia Carvalhal (2003). Verificaremos também de que forma a verossimilhança das personagens é relevante para estabelecer uma comparação entre os ditadores no texto literário e aqueles que atuaram na construção do Terceiro Reich.

O terceiro capítulo abarca o Terceiro Reich de forma geral, com enfoque nos episódios relacionados aos objetivos específicos desta pesquisa. Primeiramente, será relatado como se deu a chegada do regime e a queda da democrática República de Weimar. Em seguida, é realizado um estudo da figura histórica Adolf Hitler, maior responsável pelo regime. Logo após, serão discutidas as políticas segregacionistas que entraram em vigor durante o governo nazista. Para isso, nos valem das contribuições dos historiadores Richard Evans (2014; 2016), Joachim Fest (1976) e John Lukacs (1998), além da autobiografia *Minha Luta* (HITLER, 2001), escrita pelo próprio Hitler. Concluimos o terceiro capítulo expondo a história do grupo de resistência estudantil *Rosa Branca*, história contada por Inge Scholl (2014), irmã de dois dos principais integrantes do movimento.

No capítulo 4, será feita uma análise dos personagens ditatoriais presentes na saga e sua relevância nos acontecimentos do enredo, em comparação com a figura histórica Adolf Hitler, além de considerações sobre o mal engendrado por eles. No capítulo 5, serão discutidas as possíveis aproximações entre o tratamento dispensado aos judeus e outras minorias no Terceiro Reich, em comparação com as hostilidades enfrentadas pelas minorias na sociedade bruxa, relacionando essas minorias às considerações do estigma propostas por Goffman (1988), além de identificar aproximações entre movimentos de resistência dentro do regime nazista e aqueles do mundo ficcional da saga. O sexto capítulo dedica-se a um estudo dos movimentos de resistência *Armada de Dumbledore* e *Ordem da Fênix*, buscando aproximações com a resistência estudantil do grupo *Rosa Branca*.

Nas considerações finais, serão trazidos os resultados desta pesquisa, que indicam fortes aproximações entre a saga literária e o Terceiro Reich: foi possível verificar que a sociedade bruxa passa por dois momentos totalitários, que se assemelham ao regime nazista, com ação de personagens assumindo papéis ditatoriais. Para encerrar o trabalho, segue-se o capítulo das referências utilizadas nas pesquisas.

2.A CONSTRUÇÃO DO MUNDO MÁGICO

Neste capítulo, propomo-nos a explorar a construção do mundo mágico e suas relações de verossimilhança externa e interna. Em seguida, contextualizamos a proposta deste trabalho dentro da perspectiva da Literatura Comparada.

2.1.O Maravilhoso Mundo Mágico

O primeiro capítulo de *A Pedra Filosofal* (ROWLING, 2000a), primeiro livro da saga, se inicia apresentando ao leitor um quadro de absoluta normalidade:

O Sr. e a Sra. Dursley, da rua dos Alfeneiros nº 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado. Eram as últimas pessoas no mundo que se esperaria que se metessem em alguma coisa estranha ou misteriosa, porque simplesmente não compactuavam com esse tipo de bobagem. (ROWLING, 2000a, p. 7)

O leitor percebe que esta é uma normalidade forçada, pois logo se defronta com acontecimentos inexplicáveis: um gato lendo um mapa, pessoas andando e cochichando com capas largas, corujas voando alto em plena luz do dia, uma inesperada chuva de estrelas noticiada pelo meteorologista. Ao mesmo tempo em que o Sr. Dursley tenta viver seu cotidiano sem se abalar com tais eventos, especula se poderiam ser explicados pela família de sua cunhada, os *Potters*, e se teriam a ver com “o pessoal dela”. Ignora suas preocupações, convencendo-se de que o que quer que acontecesse com os “Potters e gente de sua laia” não os afetaria. Apesar do esforço em ignorar os acontecimentos sobrenaturais do dia, o cotidiano trivial dos Dursleys seria afetado de forma permanente pelos próximos anos. Nesse mesmo dia, após ter suas luzes magicamente apagadas, a Rua dos Alfeneiros recebe a visita da Profª Minerva McGonagall, que descobrimos ser o gato que estava à espreita na residência dos Dursleys, e de Alvo Dumbledore, um homem “alto, magro e muito velho, a julgar pelo prateado dos seus cabelos e de sua barba” (ROWLING, 2000a, p. 13), de uma motocicleta voadora, e de um homem

duas vezes mais alto que um homem normal e pelo menos cinco vezes mais largo. Parecia simplesmente grande demais para existir e tão *selvagem* –

emaranhados de barba e cabelos negros longos e grossos escondiam a maior parte do seu rosto, as mãos tinham o tamanho de uma lata de lixo e os pés calçados com botas de couro pareciam filhotes de golfinhos. (ROWLING, 2000a, p. 13)

Os três seres, em especial o último, rompem com a aparente normalidade apresentada ao leitor nos primeiros parágrafos. Nessa reunião, o leitor encontra algumas explicações para os episódios mágicos ocorridos anteriormente, num diálogo entre Minerva e Dumbledore:

– [...] Era de se esperar que fossem um pouco mais cautelosos, mas não, até os trouxas notaram que alguma coisa estava acontecendo. Deu no telejornal.
– Ela indicou com a cabeça a sala às escuras dos Dursleys. – Eu ouvi...bandos de corujas, estrelas cadentes...Ora, eles não são completamente idiotas. Não podiam deixar de notar alguma coisa. Estrelas cadentes em Kent, aposto que foi coisa do Dédalo Diggle. Ele nunca teve muito juízo.
– Você não pode culpá-los – ponderou Dumbledore educadamente. –Temos tido muito pouco o que comemorar nos últimos onze anos.
– Sei disso – retrucou a professora mal-humorada. – Mas não é razão para perdemos a cabeça. As pessoas estão sendo completamente descuidadas, saem às ruas em plena luz do dia, sem nem ao menos vestir roupa de trouxa, e espalham boatos.
[...]
– Ia ser uma graça se, no próprio dia em que Você-Sabe-Quem parece ter finalmente ido embora, os trouxas descobrissem nossa existência. (...)
(ROWLING, 2000a, p. 14)

O diálogo entre a Prof^a Minerva e Alvo Dumbledore dá indícios de que os personagens fazem parte de uma comunidade à parte daquela a que pertencemos, e a que os personagens chamam de *trouxas*, termo que inclui a família Dursley, e que essa comunidade deve ser mantida em segredo. Deduzimos também que, para os personagens, eventos sobrenaturais não transgridem lei nenhuma dentro daquele mundo. Mais tarde, descobrimos se tratar de uma sociedade bruxa. As citações sinalizam a oposição entre mundo real x mundo bruxo.

Harry passa os primeiros onze anos de sua vida submetido a uma normalidade artificial. Procura se convencer de que as coisas estranhas que acontecem com ele, como fazer os cabelos crescerem magicamente de um dia para o outro, possuem uma explicação racional. Quando Hagrid, o homem anormalmente grande que o trouxe para a convivência ordinária dos Dursleys, aparece para levá-lo de volta à sociedade bruxa a qual realmente pertence, Harry enfrenta um breve momento de hesitação:

“Foi um sonho”, disse a si mesmo com firmeza. “Sonhei que um gigante chamado Rúbeo Hagrid veio me dizer que eu ia para uma escola de magia.

Quando abrir os olhos estarei em casa no meu armário.” De repente ouviu um ruído alto de batidas. “É a tia Petúnia batendo na porta”, pensou Harry, desanimando. Mas, ainda assim, não abriu os olhos. Tinha sido um sonho tão bom. (ROWLING, 2000a, p. 57)

Contudo, quando Harry abriu os olhos, descobriu que não havia sido um sonho. Hagrid era real, Harry era um bruxo, e estava prestes a deixar os tios e o primo para entrar em uma escola de magia. A partir de então, Harry abraça sua identidade bruxa e ocupa seu lugar no mundo bruxo. A magia da saga não causa a sensação de hesitação ou estranhamento, é pertencente à estrutura da narrativa.

Segundo Roas (2014), a chamada *literatura maravilhosa* se caracteriza por conter em sua estrutura elementos sobrenaturais que não rompem com a nossa ideia de realidade. No mundo maravilhoso criado pela autora, as oposições básicas (natural/sobrenatural, ordinário/extraordinário) que geram o fantástico são colocadas como algo normal, próprio do mundo retratado na história. Nesse caso, o sobrenatural não entra em conflito com o contexto racional, mas é mostrado como uma ocorrência natural, em um espaço diferente daquele em que vive o leitor. Há uma relação de “coexistência não problemática do real e do sobrenatural em um mundo semelhante ao nosso” (ROAS, 2014, p. 36). Essa estrutura narrativa é característica de textos como Contos de Fada. Sobre isso, o autor cita uma passagem de Bessièrre:

No conto de fadas, o “era uma vez” situa os elementos narrados fora de toda atualidade e impede qualquer assimilação realista. A fada, o elfo, o duende do conto de fadas se movem em um mundo diferente do nosso, o que impossibilita toda contaminação. Pelo contrário, o fantasma, a “coisa inominável”, o aparecido, o acontecimento anormal, insólito, impossível, o incerto, irrompem no universo familiar, estruturado, ordenado, hierarquizado, onde, até o momento da crise fantástica, toda falha, todo “deslizamento” pareciam impossíveis e inadmissíveis. (BESSIÈRE⁴, 1974, p. 32 *apud* ROAS, 2014, p. 33),

A saga *Harry Potter* em muito se assemelha à composição literária da modalidade *conto de fadas*. Essa semelhança foi percebida por Smadja (2004). Segundo a autora, a existência de um protagonista dotado de bondade e qualidades, a oposição entre esse protagonista e um ser maléfico (Lord Voldemort, antagonista), e a derrota desse vilão após a heroica trajetória do protagonista são traços que em muito lembram a organização aparentemente simplificada de um conto de fadas.

Roas (2014) sinaliza ainda que o mundo maravilhoso é construído como um

⁴ BESSIÈRE, I., *Le récit fantastique*. La poetique de l'incertain, Paris: Larousse Université, 1974.

lugar inventado, no qual qualquer fenômeno é possível, e a existência desse mundo não provoca necessariamente qualquer intervenção na nossa realidade. Podemos entender a saga *Harry Potter* como um exemplo de um texto maravilhoso, cujas criaturas e proezas mágicas não causam estranhamento no leitor após a contextualização do primeiro livro, pois as aceitamos e entendemos como pertencentes ao mundo bruxo e são verossimilhantes dentro da obra.

A questão da verossimilhança no texto fantástico é desenvolvida por Rodrigues (1988) em sua obra *O Fantástico*. De acordo com a autora, a realidade se refaz na arte por meio de signos – no caso da literatura, a palavra, que se elaboram a partir de convenções, e que essas convenções variam de acordo com a época em que surgem. A autora contextualiza essa noção rememorando as primeiras noções de verossimilhança propostas por Aristóteles, segundo as quais a verossimilhança seria um meio de se realizar a chamada *mimese*, conceito relacionado à imitação da vida. Produzir uma arte verossímil, ou seja, operar a *mimese*, segundo os ideais aristotélicos, consistia em “agir sobre a *physis*, criando, a partir de um trabalho artístico (*techné*), uma nova realidade” (RODRIGUES, 1988, p. 20). No caso da literatura, essa nova realidade é construída por meio de palavras. Rodrigues (1988) aponta ainda a distinção entre a verossimilhança interna, que exige que os personagens e acontecimentos sejam coerentes com a história criada, e a verossimilhança externa, relacionada à percepção de realidade conferida ao mundo imaginário.

2.2.A Verossimilhança das personagens

Uma vez que um dos objetivos específicos deste trabalho é estabelecer possíveis relações entre o ditador Adolf Hitler e o personagem Lord Voldemort, se faz necessário verificar a função das personagens na construção da verossimilhança, e quais as possibilidades de análise entre personagem e pessoa.

De acordo com Candido (2014, p. 53), “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. Assim, a personagem é parte essencial de um romance. É o elemento mais atuante no texto literário, e também o que permite a adesão do leitor, através de mecanismos como projeção e identificação.

Sobre a relação entre pessoa e personagem, Brait (2006, p. 11) pontua que “as

personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”. Segundo a autora, a relação entre personagem e pessoa está diretamente ligada ao conceito da *mimesis* aristotélica e à verossimilhança sobre a qual comentamos na seção 2.1.

Segundo Candido (2014), o romance expressa uma relação entre o ser fictício e o ser vivo, e essa relação é manifestada através da personagem. Para o autor, as diferenças entre a personagem e o ser real ajudam a criar a verossimilhança. Além disso, graças aos recursos de caracterização utilizados pelo autor para compor a personagem, esta é sempre mais lógica e coerente do que a pessoa real. O teórico menciona a comparação feita por E. M. Forster⁵ (1969 *apud* CANDIDO, 2009) entre *Homo fictus* e *Homo sapiens*: *Homo fictus*, ser fictício, não equivale ao *Homo sapiens*, pessoa real. O autor estabelece que a personagem deve *parecer* com um ser vivo, ter *alguma* relação com a realidade para ser, em maior ou menor nível, equivalente ao que conhecemos. Uma equivalência total entre o ser fictício e a pessoa real não é possível, pois é igualmente impossível “captar a totalidade do modo de ser duma pessoa” (CANDIDO, 2014, p. 65), e uma correspondência completa excluiria a necessidade do trabalho artístico do autor. Candido (2014, p. 66) questiona: “no processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção?”. Sua resposta indica que a personagem fictícia se situa entre um ente *reproduzido* ou *inventado*, e que não é possível construir uma personagem totalmente reproduzida, nem totalmente inventada. Conforme Benatto e Becker (2022, p. 75), “Ainda que as personagens sejam baseadas em pessoas vivas, não podem corresponder a elas. Daí a importância do chamado *princípio da modificação*, no qual o romancista aproveita o real sem, de fato, reproduzir a vida.” Além disso, Candido (2014) ressalta que a importância da personagem se encontra principalmente não na sua relação com o mundo real, mas na função que exerce dentro do romance.

2.3. A Sociedade dos Bruxos

No desenrolar dos sete livros, o leitor acompanha a construção do mundo maravilhoso dos bruxos, e descobre que este mundo, assim como o nosso, possui suas instituições, representantes, regras e conflitos.

⁵ FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1969.

Um elemento de grande relevância em *Harry Potter* é a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A escola, que possui uma estrutura semelhante às escolas do mundo real: assim como as nossas escolas, Hogwarts possui estudantes, professores, componentes curriculares e exames finais, o que a torna um elemento com verossimilhança externa. A escola possui também uma Floresta Proibida, um cão de três cabeças guardando uma sala secreta, quadros que se movem e conversam entre si, e matérias ensinadas por seres não humanos, algo que é verossímil dentro do mundo bruxo.

Após descobrir a existência da escola, Harry descobre que a sociedade bruxa possui também um banco. O Gringotes, banco dos bruxos, também exemplifica a verossimilhança externa, ao referenciar uma instituição real, e interna da obra, por possuir diversos elementos maravilhosos:

– Por que só um louco tentaria roubar o Gringotes? – perguntou Harry
– Feitiços... encantamentos – disse Hagrid desdobrando o seu jornal. – Dizem que há dragões guardando os cofres de segurança. E depois é preciso conhecer o caminho. Gringotes fica embaixo de Londres, centenas de quilômetros abaixo, entenda. Mais fundo que o metrô. Você morreria de fome tentando sair de lá, mesmo que conseguisse pôr as mãos em alguma coisa. (ROWLING, 2000a, p. 59)

É também em *A Pedra Filosofal* (ROWLING, 2000a) que Harry descobre a existência de um Ministério da Magia, cuja função principal, de acordo com Hagrid, é a de manter a existência dos bruxos em segredo para evitar perturbações e perseguições vindas dos trouxas. A existência de um Ministério, de um banco, de uma Escola e de regras próprias permite estabelecer conexões entre o mundo dos Bruxos e o “mundo real”.

Além disso, o primeiro volume dá indícios de que há entre os bruxos certa hierarquia, não ditada pelo poder aquisitivo, mas pautada na ascendência. Para alguns, os chamados *puro-sangue*, bruxos cujos ancestrais são todos bruxos, são considerados uma raça superior aos trouxas e aos bruxos nascidos de famílias trouxas. Harry toma conhecimento desta hierarquia em um diálogo com o garoto Draco Malfoy, em *A Pedra Filosofal* (ROWLING, 2000a), quando é questionado sobre sua família:

[...] – Mas eram do nosso povo, não eram?
– Eram bruxos, se é isso que você está perguntando.
– Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e

você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos. (ROWLING, 2000a, p. 72)

Os bruxos que defendem esta hierarquia frequentemente usam o termo *sangue ruim* para se referir aos bruxos “inferiores”, e *mestiços* para se referir àqueles com apenas um dos genitores bruxo (a). Em *A Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b), Draco Malfoy usa o termo *sangue ruim* para ofender Hermione, uma das melhores amigas de Harry. Logo após, em um diálogo entre os amigos Harry, Hermione, Rony (também um dos melhores amigos de Harry) e Hagrid, Rony define o termo *sangue ruim* com mais exatidão:

Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro. (ROWLING, 2000b, p. 103)

É também em *A Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b) que entendemos as raízes deste preconceito contra os bruxos de família trouxa. Em uma das aulas de História da Magia, o professor Binns, após ser questionado sobre a existência de uma Câmara Secreta em Hogwarts, dá aos alunos uma breve explicação sobre a fundação da Escola. De acordo com o professor, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts foi fundada por quatro grandes bruxos, cada um responsável por uma casa. Godric Gryffindor, Helga Hufflepuff e Rowena Ravenclaw, criadores da Grifinória, Lufa-lufa e Corvinal, respectivamente, viviam em constante desarmonia com Salazar Slytherin, criador da Sonserina. Binns conta que, contrariando os outros criadores, Salazar

“[...] queria ser mais *seletivo* com relação aos estudantes admitidos. Ele acreditava que o aprendizado de magia devia ser mantido no âmbito das famílias inteiramente mágicas. Desagradava-lhe admitir alunos de pais trouxas, pois os achava pouco dignos de confiança.” (ROWLING, 2000b, p. 131) (grifos da autora).

O desentendimento entre os fundadores terminou de forma trágica. Slytherin abandonou a escola, deixando escondida em uma câmara secreta uma besta que, quando acordada, expurgaria de Hogwarts a ralé indesejada. Isto acontece anos depois quando Tom Riddle, legítimo herdeiro de Salazar Slytherin, acordou o monstro – que descobrimos ser um basilisco, e entre outros ataques menores, matou uma

garota, que passa a habitar um dos banheiros femininos da escola na forma de um fantasma. Descobrimos também que o herdeiro de Salazar é quem, mais tarde, se tornaria Lord Voldemort.

As complicadas relações raciais no mundo mágico não se limitam apenas aos bruxos. Outras classes de criaturas mágicas também são consideradas como inferiores aos bruxos (especialmente em relação aos bruxos de sangue puro): os elfos domésticos, por exemplo, são relegados a condições de trabalho análogas à escravidão. É também em *A Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b) que conhecemos Dobby, um elfo doméstico que, no final do livro, descobrimos ser servo da família Malfoy. Determinado a ajudar Harry, Dobby contorna as leis que regem o trabalho dos elfos domésticos, até ser libertado após uma astuta manobra executada por Harry. A situação dos elfos domésticos ganha maior destaque em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), no qual descobrimos que as criaturas são responsáveis pelos serviços de limpeza e da cozinha de Hogwarts, sem receber pagamento por seu trabalho:

[...] Mas a maioria dos bruxos não quer um elfo doméstico que exige ordenado, senhorita. “Isto não é próprio de um elfo doméstico”, dizem eles e batem a porta na cara de Dobby” Dobby gosta de trabalhar, mas quer se vestir e quer receber ordenado, Harry Potter...Dobby gosta de ser livre! (ROWLING, 2001, p. 301)

Sendo um elfo livre, Dobby enfrentou dificuldades para se estabelecer de forma digna no mundo dos bruxos, uma vez que estes não reconhecem a possibilidade de que um elfo doméstico seja assalariado. Os outros elfos, acostumados à situação, se envergonham da atitude de Dobby, e não partilham dos mesmos interesses de liberdade e trabalho remunerado. Após a fala do elfo, os outros elfos domésticos de Hogwarts se afastaram de Dobby e demonstraram aversão às suas ideias.

Como uma história de literatura maravilhosa, que se propõe a apresentar ao leitor um mundo governado por suas próprias leis, é verossímil que também haja neste mundo seus próprios preconceitos, que, apesar de envolverem criaturas mágicas, se assemelham de forma evidente com os preconceitos do mundo real. As questões de raça e classe serão aprofundadas no capítulo 5, no qual discutiremos possíveis aproximações entre as questões raciais no mundo literário e as que ocorreram no Terceiro Reich.

2.4. Comparando histórias

A Literatura Comparada percorreu uma longa trajetória desde seu início, no século XIX. Em *Literatura Comparada*, Nitrini (2015) cita a chamada “escola francesa” como uma precursora da disciplina. A escola tem Paul Van Tieghem como um de seus mais importantes representantes, responsável por conceituar a literatura comparada, e delimitar a distinção entre literatura comparada e literatura geral:

(...) como disciplina autônoma, a literatura comparada tem seu objeto e método próprios. O objeto é essencialmente **o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si**, isto é, em que medida estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo. Propõe-se a estudar tudo o que passou de uma literatura para outra, exercendo uma ação, de variada natureza. (NITRINI, 2015, p. 25) (grifos nossos)

Em oposição a esta corrente, segundo a qual literatura comparada envolve apenas comparações sistemáticas entre literaturas, surge a chamada “escola americana”. A definição de literatura comparada proposta por Remak (1971 *apud* NITRINI, 2015), um dos pensadores desta nova vertente, amplia as possibilidades de definição deste campo:

Literatura comparada é o estudo da literatura, além das fronteiras de um país particular, e o estudo das relações entre literatura, de um lado, e outras áreas de conhecimento, e da crença, tais como as artes (ex.: pintura, escultura, arquitetura, música), filosofia, **história**, ciências sociais, religião, etc., de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com uma outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (REMAK, 1971, p.1 *apud* NITRINI, 2015, p. 28)

A definição proposta por Remak (1971 *apud* NITRINI, 2015), mais abrangente e flexível, permite que este trabalho se enquadre numa proposta comparatista, uma vez que procura possíveis aproximações entre História e Literatura. Ademais, de acordo com Carvalho (2003), no último século os estudos comparatistas ampliaram seu campo de atuação e passaram a incluir não apenas comparações entre textos literários, mas também entre a literatura e outras disciplinas. Esta mudança metodológica justifica a proposta de estudos “contrastivos entre o material literário e o não literário” (CARVALHAL, 2003, p. 20), possibilitando a leitura de um texto literário com um olhar voltado aos acontecimentos históricos.

Outro pensador que corrobora a proposta de se pensar a literatura comparada

de forma mais abrangente é René Wellek (1994). Em *A Crise da Literatura Comparada*, afirma que os estudos literários se encontram divididos por conflitos metodológicos. O autor defende que:

A literatura comparada tem o imenso mérito de combater o falso isolamento das histórias literárias nacionais: ela está obviamente correta (e produziu um grande número de evidências para corroborar tal fato) na sua concepção de uma tradição literária ocidental composta de uma **rede de inúmeras inter-relações**" (WELLEK, 1994, p. 109)

De acordo com Nitrini (2015, p. 31), no entanto, "o conceito de literatura comparada proposto pelos americanos dificulta o estabelecimento de uma metodologia bem definida.". Enquanto a escola francesa propunha métodos históricos, objetivando o estudo de relações entre duas literaturas, a tendência da escola americana era a de se fazer "estudos paralelísticos" (NITRINI, 2015, p. 29). Para Wellek (1994), o campo da literatura comparada ainda não possui um único e específico objeto de estudo, ou uma metodologia única e definida.

Para Carvalhal (2003), a articulação entre literatura comparada e teoria literária proposta por este novo modelo é bem-vinda, pois permitiu que aspectos das relações interliterárias fossem analisados com um outro olhar. Este "reforço teórico" permitiu que o campo da interdisciplinaridade fosse também uma possibilidade dentro da disciplina. Esta possibilidade permite que o texto literário seja analisado não apenas como algo hermeticamente fechado em si mesmo, mas como algo que dialoga com o meio. Em seu ensaio *A Literatura e a Vida Social*, Candido (2014) discute as possíveis relações entre a arte e o meio social, provocando uma reflexão sobre aspectos sociais que (possivelmente) atuam na vida artística e literária, na figura do artista/criador, na obra e no público. O autor reconhece que elementos externos/sociais podem desempenhar um papel na estrutura de uma obra literária, ocasião em que esse elemento se torna interno.

O objetivo geral deste trabalho inclui dois campos de atuação: a literatura e a história. É possível propor esta análise interdisciplinar graças à ruptura dos comparatistas da escola americana, que permite que se analisem possíveis diálogos entre um texto literário e outra área de conhecimento. Este exercício teve como base a recomendação de Nitrini (2015) de que o comparatista apresente suas próprias hipóteses e metodologias. Tendo isto em mente, procuraremos traçar possíveis paralelismos entre a saga *Harry Potter* e o Terceiro Reich a partir de uma leitura crítica

dos volumes *Harry Potter e a Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (ROWLING, 2005) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), sob a ótica dos acontecimentos históricos ocorridos na época do regime nazista.

3.0 TERCEIRO REICH

O Terceiro Reich teve início no ano de 1933, com a nomeação de Adolf Hitler como chanceler da Alemanha, e teve duração de doze anos, até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. Este capítulo tem como objetivo expor as circunstâncias que possibilitaram o surgimento desse regime totalitário, descrever o homem que conquistou as massas e que foi o grande responsável pelos principais episódios desse reinado de terror, e comentar a perseguição aos judeus e outras minorias. Serão também apresentadas as reflexões de Hannah Arendt (2012) sobre as origens do totalitarismo, as considerações da historiadora Denise Rollemberg (2016) sobre a resistência aos regimes totalitários, e como um grupo de estudantes alemães se opôs aos horrores do Terceiro Reich.

3.1.O Totalitarismo Nazista

Em *Origens do Totalitarismo*, a filósofa Hannah Arendt (2012) afirma que os movimentos totalitários, como o nazista, surgem e sustentam-se com base no apoio das massas. Arendt (2012) utiliza o termo ‘massa’ para referir-se a pessoas aparentemente neutras e indiferentes à vida política. Esse grupo, que pode constituir a maioria da população de um país democrático, é conquistado pelo movimento totalitário e organizado de acordo com os interesses do movimento. Por meio do terror e da propaganda, o totalitarismo abarca o campo social, econômico e cultural do Estado, suprimindo a liberdade individual do cidadão tanto na esfera pública quanto na sua vida privada. A filósofa afirma ainda que o sucesso dos movimentos totalitários como o nazista e o stalinista significou o fim de duas ilusões dos países democráticos: a primeira foi a certeza de que a maioria do povo participava do governo, e todo indivíduo simpatizava com ao menos um partido. Os movimentos “demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático” (ARENDR, 2012, p. 439). A segunda desmente a suposta falta de importância dessas massas politicamente neutras e indiferentes, uma vez que a adesão das massas é o que torna o totalitarismo possível. Conquistadas para a causa totalitária, é exigida das massas fidelidade absoluta e incondicional, e a ferramenta utilizada para atrair as massas é a propaganda. Segundo Arendt (2012),

Somente a ralé e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto, e como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação. (ARENDR, 2012, p. 474).

No momento em que o totalitarismo é estabelecido, a propaganda passa a ser dirigida a um público de fora, às camadas ainda não conquistadas de seu país, ou aos países ainda não totalitários. A propaganda dirigida às massas assume caráter de doutrinação ideológica, e é aliada ao terror. Na propaganda totalitária, é apresentado um líder, um messias que será a resposta para vencer um inimigo em comum, líder este que centraliza todo o poder, e ao ser representado como a esperança das massas, passa a ser fortemente cultuado por elas.

A propaganda nazista era pautada no conceito de *Volksgemeinschaft*⁶, conceito que defendia a construção de uma nação alemã, sem classes, e era baseada na pureza racial. Os nazistas se utilizavam principalmente da propaganda antissemítica, a fim de asseverar um firme controle da população. Em meio a um grande número de grupos antisemitas e do mito da “punhalada nas costas”⁷, os nazistas deram à questão judaica uma posição central, e passaram a exigir dos membros do partido a comprovação de que não havia nenhum familiar judeu em sua árvore genealógica.

Joseph Goebbels ocupou o cargo de Ministro da Propaganda durante todo o Terceiro Reich, e era o responsável pela manutenção da propaganda de massa e por garantir que o regime continuasse a ser retratado de forma positiva. Segundo Evans (2014), a propaganda tinha a função de enaltecer o *Führer*⁸ e o estilo de vida ariano. Para isso, rádios conhecidos como “receptores do povo” foram vendidos a um preço extremamente baixo. Assim, mais de 70% dos lares alemães possuíam um receptor, que tinha um alcance limitado e era incapaz de sincronizar estações de rádio estrangeiras. Goebbels instruía exatamente o que seria transmitido nos programas de rádio e também nos jornais, fazendo com que a propaganda trabalhasse a serviço da ideologia.

Os nazistas se utilizavam do terror como ferramenta para manter as massas,

⁶ Em português, “comunidade nacional” ou “comunidade do povo” (tradução livre).

⁷ Crença disseminada no pós-guerra, segundo a qual o exército alemão havia sido “apunhalado pelas costas” pelos revolucionários, que se voltou principalmente contra os judeus.

⁸ Termo em alemão que traduzido para o português significa *líder, guia*.

conquistadas pela propaganda, exatamente no lugar onde as queriam. Funcionários socialistas ou membros de partidos inimigos foram assassinados, no intuito de mostrar à população que apenas a mera associação a esses partidos significava imenso perigo. No regime nazista, o terror chegou ao seu apogeu com os campos de concentração, que de início eram destinados aos opositores do regime, mas conforme esse regime se fortalecia na ideologia antissemita, passaram a ser campos de extermínio dos indesejáveis.

Dikötter (2018) pontua que ao ditador, a habilidade de causar medo nas massas é necessária, mas a habilidade de ser aclamado é ainda mais. O autor lembra que, durante o século XX, diversos países passaram por movimentos totalitários:

Em diversas regiões do planeta, o rosto de um ditador aparecia em outdoors e prédios e seu retrato estava presente em todas as escolas, nos escritórios e nas fábricas. As pessoas comuns tinham que fazer reverência a sua imagem, passar por sua estátua, recitar sua obra, louvar seu nome e enaltecer sua genialidade. (DIKÖTTER, 2018, p. 9)

Na Alemanha nazista, o supremo poder deste movimento totalitário era o *führer* Adolf Hitler, cujo poder “poderia encarnar-se em qualquer parte e a qualquer momento, sem que o próprio Führer esteja [sic] ligado a qualquer hierarquia” (ARENDDT, 2012, p. 543). Dessa forma, o líder emana a maior e mais poderosa autoridade da nação, e até mesmo os líderes das instituições menores, como a polícia e a propaganda, estão submetidos a ele. A autora lembra que a ascensão de Hitler ao papel de líder alemão ocorreu de forma legal, graças à confiança da massa de indivíduos insatisfeitos e desesperados em meio ao contexto de crise.

À sombra da presença forte do líder, da propaganda doutrinária e em meio ao terror criado pelo totalitarismo, exigia-se que a população repetisse as palavras do partido, saudasse o líder e criasse a ilusão de consentimento. Além disso, era esperado também que cada cidadão monitorasse os demais, o que contribuiu enormemente para a construção da atmosfera de terror característica na época do regime nazista.

3.2. A Alemanha em crise

O fim da Primeira Guerra Mundial foi sinônimo de ressentimento, instabilidade e pobreza para o povo alemão. Os efeitos do conflito foram desastrosos para a

população de forma geral, que com as imposições do Tratado de Versalhes passou a enfrentar uma enorme crise econômica e política.

Em novembro de 1918, foi criada a República de Weimar, que segundo Evans (2014, p. 24) tinha uma Constituição “moderna, com voto feminino e representação proporcional”, e estipulava também a eleição democrática de um presidente, que teria o poder de nomear um Chanceler, responsável pelo poder executivo. Ela, porém, não foi suficientemente forte para criar a estabilidade necessária. De acordo com Evans (2014), ainda que não estivesse desde o início condenada ao fracasso, a democracia alemã foi implacavelmente desafiada pelos acontecimentos da década de 1920: a inflação chegava a números nunca antes vistos, o desemprego afetava cerca de seis milhões de alemães, e a violência nas ruas alcançava níveis assustadores. Evans (2016) afirma que os desempregados e seus dependentes somavam cerca de trinta milhões de pessoas, um quinto da população alemã. A situação se agravou ainda mais com a quebra da bolsa em 1929, momento em que os Estados Unidos cessaram os empréstimos que prometiam reerguer a nação alemã.

Foi nesse cenário que surgiu a crença de que os alemães haviam sido traídos e “apunhalados pelas costas” pelos judeus e comunistas, que teriam sabotado os exércitos alemães e entregado a guerra aos aliados. Essa crença foi um marco na história do antissemitismo na Alemanha:

Embora na República de Weimar a maioria dos alemães ainda rejeitasse o uso de força física contra os judeus, a linguagem do antissemitismo estava embutida no discurso político dominante como nunca antes. A “punhalada pelas costas”, os “traidores de novembro”, a “república judaica”, a “conspiração judaico-bolchevique” para minar a Alemanha – todos esses e muitos *slogans* demagógicos semelhantes podiam ser lidos regularmente nos jornais. (EVANS, 2014, p. 206)

Em meio a inúmeros grupos extremistas e antissemitas, se destacava o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, dirigido por Adolf Hitler. Hitler tinha um discurso eficaz em culpar os judeus pelas aflições em que se encontrava o povo alemão. Sua influência era tanta que em 30 de janeiro de 1933, por pressão popular, o presidente eleito Hindenburg nomeou Hitler chanceler, na data que marca o início do Terceiro Reich, período que logo tomou a direção de um governo totalitário. Em 28 de fevereiro, o comunista Marinus van der Lubbe incendiou o prédio do Reichstag, parlamento alemão, causando pânico na população geral e dando o motivo que o partido nazista aguardava para suprimir efetivamente o Partido Comunista.

Após o incêndio, Hindenburg assinou um decreto emergencial que dava ao chanceler permissão para tomar as medidas necessárias para proteger a segurança pública. Sob a justificativa de se evitar um levante comunista, o decreto impunha restrições às liberdades civis, como a liberdade de expressão, de imprensa e a liberdade de reunião.

Hitler deixava claras suas intenções de suprimir a Constituição e se sobrepor aos poderes do presidente, sempre sob o pretexto de evitar que os comunistas e judeus tentassem um levante revolucionário. É neste contexto que surge a “Lei Plenipotenciária”, que dava a Hitler o direito de governar através de decretos, sem prestar contas ao presidente ou ao Reichstag. A Lei contou com o apoio da Igreja Católica, que temia uma revolução. De acordo com dados trazidos por Evans (2016), foi aprovada no Reichstag com apenas 94 votos contra, dos deputados do partido social-democrata, e 444 a favor. Em breve, a Alemanha tornou-se um país de partido único, unificado ao abrigo da bandeira nazista.

3.3.O Führer

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, tem surgido um grande número de obras referentes ao ditador Adolf Hitler e às atrocidades cometidas no regime do Terceiro Reich. Em *O Hitler da História*, Lukacs (1998) se propõe a discutir o problema da historicização e dos estudos sobre Adolf Hitler, uma vez que a perspectiva histórica está em constante mudança com o passar do tempo. Lukacs (1998) apresenta os principais dados biográficos do ditador, enquanto procura compreender o caráter de Adolf Hitler, dentro das possibilidades de um historiador.

Em *A Chegada do Terceiro Reich*, Evans (2016) ratifica a dificuldade enfrentada pelos historiadores em organizar uma biografia de Hitler, pois “muito, caso não a maior parte, do que foi escrito sobre o início de sua vida é altamente especulativo, distorcido ou fantástico” (EVANS, 2016, p. 215). Nas subseções a seguir, apresentaremos alguns fatos que, comprovadamente, se passaram com Adolf Hitler e foram cruciais na formação do ditador.

Filho de Klara Pözl e Alois Schicklgruber (que mais tarde, adotou o sobrenome do marido da mãe, “Hiedler”, e adaptou para Hitler), Adolf Hitler nasceu em condições de pobreza em Braunau Am Inn, pequena cidade localizada entre os impérios

austríaco e alemão. Desde pequeno, identificava-se com a comunidade alemã. Perdeu ambos os pais antes dos 19 anos.

Em sua obra *Minha Luta* (HITLER, 2001), Hitler afirma que amava a mãe, e respeitava o pai, referindo-se a ele como um “fiel cumpridor de seus deveres”. Há, porém, um consenso entre os historiadores em afirmar que a relação entre pai e filho era conturbada. O pai era conhecido por ser dominador, rude e agressivo com a mulher e com os filhos, e foi conhecido como alguém abusivo e violento. Aspirava que Hitler se tornasse funcionário público e ocupasse um cargo de respeito. O filho, por sua vez, rejeitava tais aspirações, e ambicionava ser pintor.

A primeira parte da narrativa é autobiográfica, contando os principais acontecimentos e feitos que se passaram na vida de Hitler até então. A segunda se dedica a questões de ordem política, servindo como programa e propaganda do nacional-socialismo. O leitor percebe o empenho de Hitler em criar para si um personagem, o que torna difícil afirmar com precisão onde acaba a autobiografia e onde começa a discussão política. A obra começou a ser escrita em 1924 quando Hitler, aos 35 anos, estava no presídio militar de Landsberg após comandar uma tentativa frustrada de golpe de estado, o chamado “Putsch da Cervejaria”. Para Fest (1976), as informações divulgadas neste livro tinham como intuito servir de suporte à imagem que se empenhava em criar para si próprio.

Hitler expõe sua própria trajetória com um tom de grandeza e soberba, encontrando na escrita “a oportunidade de dar uma descrição de minha vida, no que fosse necessário [...] e no que pudesse servir para destruir o retrato lendário da minha pessoa feito pela imprensa semítica” (HITLER, 2001, p. 5). Não reserva para si mesmo nenhum futuro que não estivesse relacionado a grandes feitos:

Finalmente, eu desejava ter a felicidade de, no local, poder desempenhar o meu papel no país onde o mais ardente desejo de meu coração tinha de ser realizado: a união de meu amado lar com a pátria, comum – o Reich alemão. Muitas pessoas ainda hoje não poderão compreender a grandeza de uma tal ânsia. (HITLER, 2001, p. 95)

A trajetória de Hitler é narrada como a inspiradora jornada de um órfão, que enfrentou anos de pobreza e incerteza com força de vontade e persistência. Hitler confirma a própria persistência quando narra o momento em que fora recusado na Escola de Artes e “decidiu” se tornar arquiteto:

A antiga teimosia também tinha voltado e com ela a persistência na realização do meu objetivo. Eu queria ser arquiteto. Obstáculos existem não para que capitulemos diante deles mas para os vencermos. E eu estava disposto a arrostar com todas essas dificuldades, sempre tendo, diante dos olhos, a imagem de meu pai, que, de simples aprendiz de sapateiro de aldeia, tinha subido até o funcionalismo público. [...] Enquanto a necessidade me oprimia e ameaçava aniquilar-me, crescia a vontade de luta. E, finalmente, foi vitoriosa a vontade. (HITLER, 2001, p. 22)

O curso de sua vida é descrito em *Minha Luta* (HITLER, 2001) nos moldes do trecho anterior: com palavras de encorajamento e determinação, o que promoveu a identificação das massas alemãs com o personagem criado na obra.

Nos anos iniciais de sua vida escolar, Adolf Hitler era considerado um bom estudante, sempre disposto e atento. Para Fest (1976, p. 19), os boletins que indicavam um bom rendimento, “motivaram a decisão paterna de enviá-lo ao estabelecimento de ensino profissional de Linz”. Assim, Alois envia o filho para Linz na intenção de prepará-lo para seguir carreira no funcionalismo público. Em Linz, obteve notas medíocres e acabou por abandonar a escola profissional. Fest (1976) pontua que foi em Linz que Adolf passou a ter consciência da hierarquia social, reconhecendo-se como apenas um camponês em meio aos nobres locais. Em *Minha Luta* (HITLER, 2001), conta como se opôs às aspirações de seu pai:

Por mais firmemente decidido que meu pai estivesse na execução dos planos e propósitos que se formara, não era menos a teimosia e a obstinação de seu filho em repelir um pensamento que pouco ou nada lhe agradava. Eu não queria ser funcionário. Nem conselhos nem ‘sérias’ admoestações conseguiram demover-me dessa posição. Nunca, jamais, em tempo algum eu seria funcionário público. (HITLER, 2001, p. 12)

A relação complicada de pai e filho se deteriorou ainda mais depois dessa decisão. Dois anos e meio após a morte do pai, Hitler deixou a escola profissional de Linz, e passou a investir na carreira de artista. Fest pontua que o fracasso como estudante afetou Hitler de forma significativa, tendo sido um dos “temas cheios de amargura de sua vida” (FEST, 1976, p. 21). Encontrou então na vocação de artista algo que lhe ajudou a “dissimular a inquietude que o próprio insucesso lhe inspirava” (*id*). Apesar da certeza que depositava em seu talento como artista, foi rejeitado pela Academia de Belas-Artes de Viena, sob a afirmação de que seu talento, na verdade, estava na área da arquitetura. Para o estudioso Szklarz (2014), não é possível saber

ao certo se Hitler foi reprovado no exame para a Escola de Arquitetura de Viena, ou se nem sequer chegou a tentar.

O que possibilitou a existência de Adolf Hitler como o conhecemos foi a eclosão da Primeira Guerra Mundial, momento em que encontrou no serviço militar a oportunidade para direcionar seu intenso sentimento patriota. Rejeitado, sem perspectivas e farto da miscigenação da cosmopolita Viena, mudou-se para Munique em 1913. Em 1914, a deflagração da Primeira Guerra Mundial deu a ele um novo propósito. Serviu no exército como mensageiro e por esta função foi altamente benquisto e reconhecido por seus serviços. Em 1918, foi vítima de um ataque de gás mostarda em um combate na Bélgica, algo que significou o fim da guerra para ele. Foi promovido a cabo e conquistou duas condecorações por bravura, uma delas sendo a Cruz de Ferro, recomendada por um judeu. Foi atingido por um gás tóxico e, enquanto se recuperava no hospital, recebeu com grande pesar a notícia da rendição da Alemanha.

Lukacs (1998) sinaliza que em 1919 “as aspirações do líder nacional superaram as aspirações do artista (...) mas uma não excluía a outra, a dualidade permaneceu” (LUKACS, 1998, p. 60). Por um grande período, dedicou-se a projetos de arquitetura para o melhoramento da cidade de Linz e, segundo Fest (1976), antes de reconhecer a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial e apelar para o suicídio, Hitler passou horas melancólico, debruçado sobre os projetos que nunca seriam concluídos. A paixão do ditador pela arquitetura é mencionada também por Evans (2016): “Desde o começo, os prédios interessaram Hitler principalmente como afirmações de poder. Ele conservou esse interesse por toda a vida” (EVANS, 2016, p. 217).

Evans (2016) afirma também que a rejeição teve forte impacto na formação do caráter de Adolf Hitler. Ainda que não seja possível afirmar com exatidão o que fez ou pensou, sabe-se que primeiro, incapaz de se conformar com o fracasso em entrar na Academia de Artes, Hitler concebeu um ódio violento pela convenção burguesa, pelo sistema, por regras e regulações. Viveu uma vida opulenta, caótica e boêmia, esbanjando seu dinheiro nas óperas de Wagner ao invés de encontrar um emprego regular.

Após o término da Primeira Guerra Mundial, Hitler, bem como o povo alemão de modo geral, ávido por um bode expiatório, encontrou nos judeus e nos marxistas os culpados pela derrota, pelo desemprego e pela miséria subsequentes à guerra. Em 1919, participou de um curso de instrução política com professores e economistas,

que acusavam os judeus e comunistas de destruir o esforço dos alemães de bem, usando o capital do país de forma improdutivo. Dois meses depois, foi enviado como instrutor em um curso semelhante. Hitler tinha como ofício instruir os outros soldados quanto aos perigos do comunismo, e foi neste ofício que descobriu seu talento para a oratória. Em seus discursos, deu voz ao seu sentimento antissemita que já estava interiorizado desde a juventude, e passou a ser cada vez mais conhecido e mais admirado por suas exposições. Segundo Rees (2013, p. 17), foi “no verão de 1919 que se pode identificar o registro histórico da primeira referência de um traço ‘carismático’ que ele pudesse possuir.” Ciente de seu carisma, em 1920 deixa o exército para investir em sua carreira política.

Estabelecida sua “liderança carismática” (REES, 2013), Hitler convenceu o povo alemão de que não eram culpados pelas tribulações enfrentadas. Ao culpar os judeus pelo fim desastroso da Primeira Guerra, pelos abusos do capitalismo e pela ascensão do comunismo, ganhou o apoio e a adesão das massas. Seu talento para alcançar as massas é mencionado também por Evans (2016):

Hitler seguia o modelo de oradores social-democratas, como Eisner, ou de agitadores de esquerda, de quem mais tarde declarou ter aprendido em Viena. E obteve muito de seu sucesso oratório dizendo às plateias o que elas queriam ouvir. Usava linguagem simples e direta, que gente comum podia entender, frases curtas, poderosas, *slogans* emocionantes. Começando frequentemente os discursos de modo calmo, para capturar a atenção da plateia, gradativamente elevava-os até um clímax; a voz grave, um tanto rouca, subia de tom, escalando em um crescendo até um final bombástico aos gritos, acompanhado por gestos dramáticos cuidadosamente ensaiados, o rosto brilhante de suor, o cabelo escuro e escorrido caindo sobre o rosto enquanto ele induzia a plateia a um frenesi de emoção. (EVANS, 2016, p. 226)

Suas técnicas de oratória incluíam também relacionar a sua jornada de vida, de alguém sem grandes perspectivas a “herói de guerra”, com a situação da Alemanha, oprimida e desesperada, mas destinada a voltar a ser uma gloriosa nação.

Em 1922, a ascensão do fascismo na Itália avivou o ânimo dos nazistas. No dia 28 de outubro, a “Marcha sobre Roma” marcou a indicação do líder fascista Benito Mussolini como primeiro-ministro da Itália. O nazismo e o fascismo compartilhavam muitas características em comum, como o desprezo pelas instituições parlamentares, a condenação do comunismo e do socialismo, a exaltação de um líder elevado a uma posição de autoridade, até mesmo o gesto de saudação ao líder com o braço direito

estendido. Hitler acreditou ter poder suficiente para realizar algo semelhante em Berlim.

Ao longo de 1922 e 1923, a situação econômica na Alemanha se deteriorava cada vez mais. Inspirado por Mussolini e convencido de que uma marcha sobre a capital era o jeito mais eficaz de ascender ao poder, em 08 de novembro de 1923, Hitler e seus apoiadores nazistas entraram na cervejaria Bürgerbräukeller, e com um tiro para cima, declararam o início da revolução. A marcha pela cidade, que contava com cerca de dois mil apoiadores armados, se deparou com a força policial e foi contida por meio da força. Apesar do entusiasmo, a revolução não teve a adesão necessária. De acordo com Evans (2016), a marcha resultou em catorze participantes e quatro policiais mortos. A tentativa de golpe ficou conhecida como *Putsch da Cervejaria*, após a qual Hitler foi preso e iniciou a escrita de *Minha Luta* (HITLER, 2001).

Fest (1976) inicia a obra *Hitler* com um questionamento sobre seu objeto de estudo: “Podemos chamá-lo de grande?”. Ao considerar sua mediocridade como estudante, artista, até mesmo como golpista, parece contraditório que Adolf Hitler tenha conseguido atingir tamanho status. Fest (1976) afirma que isso se deve ao que Walter Benjamin chama de “caráter social”, uma “combinação quase exemplar de todas as angústias, sentimentos de contestação e esperanças de seu tempo”. (FEST, 1976, p. 4). Este caráter social permitiu a existência do ditador Adolf Hitler.

Fest (1976) pontua também que, apesar dos esforços dos historiadores em encontrar um episódio particular que possa marcar a mudança de agitador anônimo para o grande fenômeno Adolf Hitler, não houve uma grande mudança na pessoa em si. O que houve foi uma

pequena alteração, no sentido de que só então lhe foi facultado contato direto com grandes coletividades. Graças a esse contato direto coletivo, os elementos permanentes de sua personalidade se tinham ordenado segundo uma nova fórmula [...]. Agia como catalisador das massas, suscitando violentas acelerações e provocando crise, assim as massas o catalisavam. Elas foram sua criação; mas, ao mesmo tempo, ele foi sua criatura. (FEST, 1976, p. 192).

As condições da Alemanha pós-guerra pediam por alguém que visse na crise uma oportunidade, “não apenas remediar a situação, mas convulsioná-la radical e totalmente” (*id*). Os alemães encontraram nos discursos de alguém que havia vencido a “incerteza do pão diário” a esperança no restabelecimento da ordem e na

reconstrução da grande pátria alemã. Essa confiança teve resultados catastróficos, principalmente para os comunistas, judeus e outras minorias.

3.4.O antissemitismo

A característica mais marcante do regime nazista foi o antissemitismo, que deixou de ser de caráter religioso e passou a ser de ordem política. A ascensão de Hitler se deve em grande parte ao seu discurso antissemita, no qual culpava os judeus pela derrota na Grande Guerra e por todas as consequências que se seguiram à rendição da Alemanha. Além disso, segundo Lukacs (1998), o preconceito contra os judeus passou a ser “com frequência dirigido contra judeus assimilados, que haviam conseguido conquistar posições importantes em suas respectivas sociedades nacionais, confiantes em seus direitos e em sua aceitação inquestionável como cidadãos” (LUKACS, 1998, p. 131). Hitler não foi precursor do antissemitismo, mas foi com toda certeza um de seus maiores fomentadores. Considerava o “problema judeu” o principal problema da nação alemã, por ser um povo “sem cultura e sem civilização constituída; um povo parasitário da civilização alemã, e que impedia a existência de um estado puramente germânico” (HITLER, 2001). Um de seus objetivos como *Führer* era o de livrar a Alemanha da praga judaica.

Em *Minha Luta* Hitler (2001) afirma que sua aversão ao povo judeu se devia ao fato de ser um povo sem pátria, que se aproveitava de outras terras, culturas e língua, até não haver nelas mais nada a aproveitar.

O povo judeu, apesar de suas aparentes aptidões intelectuais, permanece sem nenhuma cultura verdadeira e, sobretudo, sem cultura própria. O que ele hoje apresenta como pseudo-civilização, é o patrimônio de outros povos, já corrompidos nas suas mãos.

[...] Nunca houve arte judaica, como hoje ainda não há, e que as duas rainhas entre as artes – a arquitetura e a música – nada de espontâneo lhe devem. O que têm feito no terreno artístico é, ou fanfarronice verbal ou plágio espiritual. Além disso, faltam ao judeu aquelas qualidades que distinguem as raças privilegiadas do ponto de vista criador e cultural. (HITLER, 2001, p. 224)

Por acreditar que os judeus viviam da imitação e exploração do que havia sido feito ou conquistado por culturas superiores, considerava de vital importância que a Europa fosse deles expurgada.

A ideia de eugenia⁹ é defendida em todo o *Minha Luta* (HITLER, 2001), sob a premissa de que, se a humanidade pudesse ser dividida nas categorias “fundadores”, “depositários” e “destruidores” de Cultura, apenas o Ariano poderia representar a primeira classe. A mistura racial era algo tão terrível para Hitler que ele a compara à perda do paraíso na história bíblica. Nesse viés, cabe ao ariano manter o alto nível da raça, evitando a todo custo sucumbir à mistura racial e conseqüentemente perder sua capacidade civilizatória. Como líder, defendia que

[...] a Alemanha e os alemães só poderiam ficar fortes de novo se o Estado aplicasse à sociedade alemã os princípios básicos de higiene racial e da engenharia racial. A nação tinha ficado fraca, corrompida pela infusão de elementos degenerados em sua corrente sanguínea. Os fortes e racialmente puros deviam ser encorajados a ter mais filhos, os fracos e racialmente impuros tinham que ser neutralizados de algum jeito. (EVANS, 2014, p. 572)

As políticas subsequentes que tinham como objetivo a conservação da raça ariana não envolviam apenas os judeus, mas outras minorias como negros, ciganos, homossexuais e deficientes físicos. Uma das políticas criadas logo no início do Reich foi a Lei para a Prevenção de Prole com Doença Hereditária. Perante a alegação dos grandes custos que pessoas com alguma deficiência física ou mental trariam aos cofres alemães, a lei tornava obrigatória a esterilização de qualquer um que sofresse de debilidade mental hereditária, esquizofrenia, psicose, surdez, alcoolismo entre outras disfunções. Era exigido também que os médicos registrassem cada caso dessas doenças, e se tornou comum incluir como “doença hereditária” outros tipos de desvio social, como por exemplo, a prostituição e o homossexualismo. Segundo Evans (2014),

a esterilização foi uma ferramenta com a qual o regime aniquilou ‘partes da sociedade que não se encaixavam no ideal nazista de um novo homem ou uma nova mulher: na maioria esmagadora, membros da classe mais baixa, mendigos, prostitutas, andarilhos, gente que não queria trabalhar, egressos de orfanatos e reformatórios, favelas e ruas [...]’ (EVANS, 2014, p. 577).

Essas pessoas que não se encaixavam no ideal de pureza ariana foram impedidas também de realizar empréstimos para casamento, um primeiro passo para a proibição de uniões racialmente indesejadas. Evans (2014) lembra ainda que a Lei

⁹Conceito relacionado à exclusão de determinados membros da sociedade, buscando a melhoria genética da população. Na Alemanha nazista, o era termo utilizado para se referir à ideologia de superioridade ariana.

permitiu que o regime exercesse poder em uma esfera íntima da natureza humana, e que esse poder na sequência se estenderia também aos judeus.

Havia uma forte propaganda segregacionista consolidada logo no início do Terceiro Reich, promovida pelo Ministro da Propaganda Joseph Goebbels e por jornais antissemitas como *O Atacante*, organizado pelo editor Julius Streicher. Ao investir contra os judeus, a imprensa tirava o foco da crescente impopularidade do regime e das acusações de corrupção contra chefes do partido.

A primeira ação organizada contra os judeus ocorreu no dia 1º de abril de 1933. Naquela data, os estabelecimentos judeus foram marcados com a estrela de Davi, e com cartazes que desencorajavam os alemães a entrar neles. Além dos cartazes, membros do partido nazista e da Juventude Hitlerista pararam ao lado de alguns desses locais, fazendo com que o boicote parecesse mais ameaçador. Apenas alguns dias depois, no dia 7 de abril, judeus foram oficialmente proibidos de ocupar cargos no serviço público, magistério, universidades e outras instituições custeadas pelo Estado.

No dia 15 de setembro de 1935, foram aprovadas as Leis de Nuremberg, que tiveram um impacto ainda maior para os não-arianos. A chamada “Lei de Cidadania do Reich” redefiniu o conceito de cidadão alemão para que incluísse apenas “pessoas de sangue alemão ou congênere”, e apenas esses poderiam usufruir plenamente de direitos políticos. Juntamente com este restrito conceito de cidadania, a “Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã” proibia o casamento inter-racial, e proibia também que homens judeus contratassem empregadas alemãs com menos de quarenta e cinco anos, sob o pretexto de que poderiam “corrompê-las”. Essa lei abalou significativamente a comunidade judaica, pois a política de Estado agora interferia na esfera privada e tornava criminosas as relações familiares já existentes. Também fez parte das Leis de Nuremberg a “Lei da Bandeira do Reich”, que declarou a bandeira nazista como a bandeira oficial do país. Entre 1933 e 1939, mais de 400 decretos e normas limitavam todos os aspectos da vida pública e privada dos judeus alemães.

As políticas segregacionistas, a crescente violência contra minorias e a forte propaganda resultaram na tentativa de extermínio, chamada “solução final” ou “Holocausto”, na qual milhões de pessoas, na grande maioria judeus, foram legalmente assassinadas.

3.5.A resistência

Tendo em vista a crueldade em níveis assustadores que assolava o Terceiro Reich, é natural que nos perguntemos se não havia ninguém que pudesse tomar uma atitude em favor da democracia e dos direitos da população. De acordo com Evans (2014), a resistência foi subjugada logo no início do regime:

Uma oposição organizada ao nazismo foi oferecida apenas pelos comunistas e social-democratas nos anos iniciais da ditadura. [...] Ativistas social-democratas começaram rapidamente a mimeografar volantes, panfletos e jornais ilegais, e distribuí-los em segredo entre simpatizantes para tentar fortalecer a decisão de resistir às tentativas do novo regime de subjugá-los (EVANS, 2014, p. 77)

Social-democratas, comunistas e outros que ousaram resistir ao regime foram severamente punidos, com a execução ou sendo enviados para os campos de concentração. Além disso, decretos emergenciais proibiram a distribuição de qualquer artigo impresso ou reuniões que colocassem em risco a segurança pública, ou seja, que estimulasse uma revolta contra o novo regime. Qualquer ação efetiva era passível de punição, o que limitava severamente qualquer possibilidade de resistência.

A historiadora Denise Rollemberg (2016) problematiza o termo *Resistência*, uma vez que em situações extremas, como no caso da Alemanha na época do Terceiro Reich, as possibilidades de resistência ativa em forma de combate eram limitadas. Rollemberg (2016) destaca a “extrema multiplicidade” de definições do termo, discutido por diversos estudiosos, e aponta como possibilidade de definição as características dos resistentes e movimentos de resistência:

1) O resistente é ‘dissidente’, no sentido de ‘rebelde fora da lei’ ou que apela para uma ‘lei superior’, a da consciência; 2) todos os resistentes enfrentam o mesmo inimigo; 3) todos recorrem a métodos heterodoxos, estranhos às regras e às normas da guerra clássica; 4) todos os movimentos de resistência procedem da improvisação; 5) os grupos de resistência surgem da base, saem de iniciativas individuais e não da vontade do Estado; são constituídos de baixo para cima, da periferia para o centro com líderes improvisados. (ROLLEMBERG, 2016, p. 79)

A autora cita também os três componentes fundamentais em grupos de resistência, propostos por Bédarida e Ázema (1994 *apud* ROLLEMBERG, 2016)¹⁰: a atividade clandestina e ilegal, o voluntarismo e a luta multiforme, armada ou não. Rollemberg (2016) recorda a importância de analisarmos para além do conceito de “herói resistente”, e lembrarmos da resistência cotidiana, das ações individuais que se tornam coletivas, visto que o sofrimento é também coletivo.

Limitada ou não, a resistência existiu, tanto nos países ocupados quanto dentro da própria Alemanha¹¹. Um dos grupos que se opôs ao regime de Hitler foi o *Rosa Branca*, que atuou de 1942 a 1943. A história do grupo tornou-se conhecida depois que Inge Scholl, irmã de dois membros do movimento, publicou um livro contando a história do grupo em 1950. A publicação vai de encontro ao que Rollemberg (2016) chama de *Mito da Resistência*, conceito que agiu diretamente na construção da memória nacional na Alemanha e países ocupados pelo regime nazista. A existência do grupo foi um bálsamo para a população, envergonhada pelo papel que a nação exercera durante a guerra, pois podiam agora afirmar que nem todos os alemães haviam sido coniventes com as crueldades perpetradas por Hitler e seus apoiadores.

Seis alemães, alunos da Universidade de Munique, fizeram parte desse grupo: Sophie Scholl (1921 – 1943), Hans Scholl (1918 – 1943), Christoph Probst (1919 – 1943), Alexander Schmorell (1917 – 1943), Willi Graf (1918 – 1943) e Kurt Huber (1893 – 1943). A obra de Inge Scholl (2014) dá um destaque maior aos seus irmãos Sophie e Hans Scholl, pois tendo convivido com eles, a autora é capaz de contar a vida desses membros da resistência com mais detalhes e com propriedade. Sales (2017) afirma que, para os historiadores, a proximidade de Inge com os envolvidos no relato dificulta que tenhamos um olhar imparcial sobre as ações dos irmãos, especialmente Hans Scholl que, conforme Sales (2017), teve atitudes distante do que se possa chamar de heroísmo.

Os irmãos eram privilegiados. De sangue comprovadamente ariano, conforme as diretrizes do partido, condição financeira estável, aparentemente não havia motivação que os levasse a questionar o regime nazista. Tendo suas liberdades severamente limitadas, não se deixaram deslumbrar pelo discurso do *Führer* e pela

¹⁰ ÁZEMA, Jean-Pierre; BÉDARIDA, François. **Historisation de la résistance**. *Esprit*, Paris, n. 198, jan. 1995

¹¹ Tendo em vista o grande número de países ocupados durante a Segunda Guerra, e a diversidade dos movimentos de resistência nesses países, neste trabalho será dado enfoque apenas à resistência alemã, dentro da própria Alemanha.

camaradagem da Juventude Hitlerista. As ações do *Rosa Branca* consistiam em um trabalho de escrita, cópias e distribuição de panfletos, realizado inteiramente pelo grupo e financiado por Sophie e Hans. O grupo produziu ao todo seis panfletos, e também realizou ações nas quais pintaram muros da universidade e em ruas importantes com palavras como “Liberdade” e “Abaixo Hitler”. Um sétimo panfleto foi escrito, mas não chegou a ser publicado.

Os panfletos citavam filósofos, pensadores e autores proibidos pelo regime, e estimulavam os alemães a pensar as políticas do Reich com criticidade. O primeiro panfleto invoca a consciência do povo alemão:

Não há nada mais indigno para um povo civilizado do que se deixar ‘governar’ sem resistência por uma corja de déspotas irresponsáveis, movida por instintos obscuros. Não é verdade que hoje todo alemão honesto envergonha-se de seu governo? E quem não prevê a dimensão da ignomínia que se abaterá sobre nós e nossos filhos quando enfim a venda que cobre nossos olhos tiver caído e os mais horrendos crimes, que ultrapassam qualquer limite imaginável, vierem à luz? (SCHOLL, 2014, p. 91)

Além de atuar na conscientização da população, seus escritos incentivavam ações de resistência passiva, que não colocassem em risco a integridade física. No panfleto III, elucidam sobre possibilidades de meios para resistir:

Muitos, talvez a maioria dos leitores destes panfletos, não sabem bem como opor resistência concretamente. Eles não veem nenhuma saída. Queremos mostrar que cada pessoa tem condições de contribuir de alguma forma para a queda deste sistema. Não é através do embate solitário, como um ermitão amargurado, que será possível preparar o terreno para a queda desse “governo” ou até mesmo desencadear a revolução o mais rápido possível; isso só será possível através do trabalho conjunto de muitas pessoas convictas e engajadas, pessoas em comum acordo sobre os meios pelos quais podem atingir o seu fim. Quanto a esses meios, não temos muita escolha: apenas um está à nossa disposição – a resistência passiva. (SCHOLL, 2014, p. 100)

O que os panfletos chamavam de *resistência passiva* incluía atos de sabotagem às fábricas de armamentos, áreas científicas e intelectuais que atuavam em favor da continuidade da guerra, além de eventos que aumentassem o prestígio dos nazistas aos olhos do povo. Pregavam o caminho do esclarecimento e da resistência passiva, pois o regime não poderia ser derrubado por meio da força. A resistência passiva tinha o poder de gerar uma crescente conscientização pública acerca do verdadeiro caráter do nacional-socialismo. Os panfletos cumpriam também o objetivo de disseminar a ideia de que não havia mais um apoio total e incondicional

a Hitler, além de transmitir um sentimento de solidariedade real, tentar convencer os indecisos e colocar os adeptos do nazismo em dúvida.

Hans e Sophie vinham de uma família cristã, influência que podemos perceber no panfleto IV:

Pergunto a você que é cristão: nessa luta pela preservação de seus valores supremos, há em você uma hesitação, um jogo de intrigas, um postergar a decisão na esperança de que um outro levante as armas para defendê-lo? O próprio Deus não lhe deu força e coragem para lutar? Precisamos atacar o Mal onde ele é mais poderoso, e ele é mais poderoso no poder de Hitler". (SCHOLL, 2014, p. 106)

Segundo Sales (2016), a *Rosa Branca* possui duas fases distintas. A primeira fase, entre junho e julho de 1942, produziu quatro panfletos com o título "Panfletos da Rosa Branca". Esses possuíam uma escrita mais rebuscada, um tanto filosófica, com um bom número de referências a outros escritores e pensadores. A segunda fase produziu dois panfletos, escritos entre novembro de 1942 e fevereiro de 1943, denominados: "Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha". Na segunda fase, a escrita sofre a influência da ida de alguns dos membros para o serviço obrigatório, passa a ser mais direta e informativa, sem citações. Foram panfletos mais curtos e incisivos, com uma proposta de resistência mais clara e ativa. Nessa fase, lemos frases como "Luta contra o partido!" "Levanta, meu povo, já ardem as chamas!". Soube-se mais tarde que o grupo fez contato com Falk Harnack, um membro da resistência do grupo Orquestra Vermelha¹², o que indica a possibilidade de que o Rosa Branca buscava uma resistência mais ativa.

Os panfletos foram distribuídos em caixas de correio, não apenas em Munique, mas também em cidades vizinhas, tendo um alcance excelente. Isso levou a Gestapo a crer que o grupo era maior e mais organizado do que realmente foi.

Sophie e Hans foram os primeiros a serem presos, após uma ação panfletária na Universidade de Munique. Pegos em flagrante, logo foram cercados e presos. Foi apenas uma questão de tempo até que todos os membros do grupo fossem presos também. Os seis foram executados por suas ações. Em Munique, foram criados museus e memoriais para honrar seus feitos.

¹² Nome dado pela Gestapo a um grupo de artistas, intelectuais e burocratas alemães que lutou contra as opressões do Terceiro Reich. (NELSON, 2015)

Neste capítulo, apresentamos em linhas gerais os acontecimentos que permitiram a ascensão de Adolf Hitler a *Führer*, e o estabelecimento do Terceiro Reich. Discorreremos sobre o cenário de crise pós-guerra e os efeitos que a derrota da Alemanha teve na população, como o alto índice de desemprego. Identificamos que esse contexto de crise possibilitou que um homem sem perspectivas no mundo acadêmico ou artístico se destacasse pelas suas habilidades na oratória, e se erguesse como líder da nação alemã. Verificamos também que o antissemitismo tornou-se a principal pauta dos discursos de Hitler e da propaganda alemã, e o que antes era um preconceito de ordem religiosa tornou-se perseguição política. Descrevemos também os principais episódios biográficos de Adolf Hitler: o contexto familiar e sua relação tumultuada com o pai, o fracasso como artista e arquiteto e suas conquistas na Primeira Guerra.

Este panorama geral sobre a chegada da Segunda Guerra e sobre a ascensão de Hitler, bem como as considerações de Arendt (2012) sobre as origens de um regime totalitário, permite que façamos uma leitura da saga *Harry Potter* com o olhar voltado para esses acontecimentos, buscando identificar de que forma o mundo bruxo espelha o Terceiro Reich. No capítulo 4, serão retomados os principais pontos deste capítulo, procurando estabelecer um paralelo entre o totalitarismo na Alemanha nazista e o totalitarismo no mundo bruxo e entre Voldemort e Hitler, bem como identificar personagens que assumem um papel ditatorial na saga *Harry Potter*.

4.DITADORES

Este capítulo se inicia apresentando o personagem Lord Voldemort, e como se deu a sua trajetória desde Tom Riddle, órfão de mãe e abandonado pelo pai, ao temido Lorde das Trevas. Em seguida, pontuamos semelhanças e diferenças entre o personagem fictício e o ditador Adolf Hitler, apresentando também considerações filosóficas sobre o mal engendrado por eles. Serão também mencionados personagens da saga literária que assumem um papel ditatorial na narrativa.

4.1.Lord Voldemort

Conhecemos o antagonista da saga logo no primeiro capítulo do primeiro livro, quando as celebrações no mundo bruxo após a derrota do bruxo das trevas são reportadas no jornal trouxa: “não sei lhe dizer, mas não foram só as corujas que se comportaram de modo estranho hoje. Ouvintes de todo o país têm telefonado para reclamar que em vez do aguaceiro que prometi para ontem, eles têm tido chuvas de estrelas!” (ROWLING, 2000a, p 11). Quando Hagrid conta a Harry a verdade sobre o assassinato de seus pais, corrobora a hipótese de que o bruxo derrotado havia sido, de fato, um bruxo terrível:

Em todo caso, esse...esse bruxo, faz uns vinte anos agora, começou a procurar seguidores. E conseguiu, alguns por medo, outros porque queriam ter um pouco do poder dele, sim, porque ele estava ficando poderoso. Dias funestos, Harry, ninguém sabia em quem confiar, ninguém se atrevia a ficar amigo de bruxas ou bruxos desconhecidos...Coisas horríveis aconteciam. Ele estava tomando o poder. É claro que algumas pessoas se opuseram a ele, e ele as matou. Terrível. (ROWLING, 2000a, p. 52)

“Lord Voldemort” foi o nome escolhido pelo vilão, que decidiu que seu nome de batismo “Tom Riddle” não era digno de alguém com seus poderes e suas aspirações. Além disso, o nome foi escolhido pela mãe como uma homenagem ao seu pai, um trouxa que abandonou a família antes de Tom Riddle filho nascer. Uma vez que reforça e concorda com os ideais de pureza defendidos por seus pares bruxos, sua ancestralidade trouxa é motivo de grande vergonha. Em *A Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b), quando acreditava estar prestes a matar Harry, conta a ele sobre a troca de nome:

Era um nome que eu já estava usando em Hogwarts, só para meus amigos mais íntimos, é claro. Você acha que eu ia usar o nome nojento do meu pai trouxa para sempre? Eu, em cujas veias corre o sangue do próprio Salazar Slytherin, pelo lado de minha mãe? Eu, conservar o nome de um trouxa sujo e comum, que me abandonou mesmo antes de eu nascer, só porque descobriu que minha mãe era bruxa? Não, Harry, criei para mim um nome novo, um nome que eu sabia que os bruxos de todo o mundo um dia teriam medo de pronunciar, quando eu me tornasse o maior bruxo do mundo. (ROWLING, 2000b, p. 264)

Seu nome tornou-se tão temido no mundo bruxo que quase ninguém ousava pronunciá-lo. Dumbledore e Harry, no entanto, não se deixaram intimidar pela pronúncia do nome escolhido e continuaram a tratá-lo como Voldemort, mas outros se referiam a ele como “Você-Sabe-Quem” ou “Aquele Que Não Deve Ser Nomeado”. Além disso, o significado do nome escolhido mostrou-se encaixar à personalidade do vilão, pois “Voldemort” é uma palavra de origem francesa cujo significado é “voo da morte” ou “fuga da morte”, algo que está diretamente relacionado à sua busca pela imortalidade. A palavra “riddle” significa “enigma”, algo que podemos relacionar ao caráter obscuro do personagem.

No sexto livro *Enigma do Príncipe* (ROWLING, 2005) Harry e o leitor conhecem mais a fundo o passado enigmático do vilão Lord Voldemort, a partir de memórias de pessoas que conviveram com Tom Riddle. As memórias mais relevantes, que dizem respeito principalmente à sua família, sua vida escolar e suas ambições, foram mostradas a Harry Potter, utilizando a penseira¹³ do diretor. De acordo com as memórias visitadas na penseira, Lord Voldemort era filho da bruxa puro-sangue Mérope Gaunt e do cobiçoso trouxa Tom Riddle. Quando Morfino, tio de Voldemort, descobre que a irmã está interessada em um trouxa, defende a superioridade da família com relação a Tom:

– *Ela gosta de olhar o trouxa.* – Com uma expressão cruel, Morfino encarou a irmã, que agora parecia aterrorizada. – *Sempre no jardim quando ele passa, espiando pela cerca, não é? E a noite passada...*
Mérope sacudia a cabeça freneticamente, implorando, mas Morfino continuou sem se condoer:
– *...Pendurada na janela esperando ele voltar para casa, não é? [...]*
– *É verdade?* – perguntou Gaunt implacável, dando uns passos em direção à filha apavorada. – *Minha filha, uma pura descendente de Salazar Slytherin, suspirando por um trouxa nojento de veias imundas?* (ROWLING, 2005, p. 167) (grifos da autora)

¹³ Bacia de pedra, ornamentada com runas e símbolos, que emana uma luz prateada. Utilizada para acessar memórias antigas, é um instrumento que Harry conhece no quarto livro *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001)

Pelo interesse romântico em um trouxa, e por não ter domínio de suas habilidades mágicas, era diariamente atormentada pelo pai e pelo irmão. Morfino, seu irmão, foi acusado de ataques aos trouxas e levado à prisão dos bruxos *Azkaban*. Seu pai, Sérvolo, foi preso na mesma ocasião, ao agredir funcionários do Ministério. Livre da família opressora, Mérope se viu capaz de praticar magia devidamente. Com o uso de uma poção do amor, enfeitiçou Tom Riddle e conseguiu mantê-lo ao seu lado por um ano, até considerar que a poção não era mais necessária. Ao voltar a si, Riddle abandona Mérope grávida, sem se preocupar com o destino do filho ou da bruxa. A mãe de Voldemort morreu logo após dar à luz, e escolher o nome do filho – Tom Servolo Riddle.

Criado em um orfanato, sem família ou afeto, Tom Riddle filho dominava desde cedo a arte da intimidação e dissimulação. Sabemos dessas características de sua personalidade numa conversa entre Dumbledore e a sra. Cole, diretora do orfanato onde morava:

- Ele mete medo às outras crianças.
- A senhora quer dizer que ele as intimida?
- Acho que deve intimidar – respondeu a sra. Cole, franzindo ligeiramente a testa -, mas é muito difícil pegá-lo em flagrante. Tem havido incidentes...bem desagradáveis...
- [...]
- Acho que muito pouca gente vai lamentar ver este garoto pelas costas. (ROWLING, 2005, p. 210)

Alvo Dumbledore conta a Tom que o motivo pelo qual é capaz de realizar tantos feitos inexplicáveis está na sua ascendência bruxa, e no fato de ele próprio ser um bruxo. Como tal, Tom Riddle tem uma vaga na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Lá, foi selecionado para a casa Sonserina¹⁴, fundada por quem mais tarde descobrimos ser seu antepassado Salazar Slytherin. A seleção se mostrou compatível com seu caráter, visto que os alunos da Sonserina, em sua maioria, compartilhavam com os ideais de pureza de Slytherin. Tom Riddle se mostrou desde cedo um aluno brilhante: desde seu primeiro ano, foi capaz de manipular e cativar os professores. Com o passar dos anos de sua vida escolar, os adeptos da ideologia puro-sangue reconheceram em Tom Riddle um legítimo líder. Era um estudante admirado pelos professores, e mais ainda pelos colegas.

¹⁴ Sonserina (*Slytherin*, em língua inglesa), Grifinória, Lufa-lufa e Corvinal são as quatro Casas de Hogwarts para as quais os alunos são selecionados no primeiro ano.

Aos 16 anos, deixou o orfanato para o qual voltava durante as férias, e foi à procura da família Gaunt – sua família materna. Ao visitar a família da mãe, descobre sobre suas origens mestiças, e sobre o abandono de Tom Riddle pai. Revoltado, assassinou toda a família paterna que ainda restava. Este fato é narrado pelo próprio Voldemort em um diálogo entre ele e Harry em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001):

– Você está vendo aquela casa lá na encosta do morro, Potter? Meu pai morava ali. Minha mãe, uma bruxa que vivia no povoado, se apaixonou por ele. Mas foi abandonada quando lhe contou o que era...ele não gostava de magia, meu pai...
“Ele a abandonou e voltou para os pais trouxa antes de eu nascer, Potter, e ela morreu me dando à luz, me deixando para ser criado em um orfanato de trouxas..., mas eu jurei encontrá-lo... vinguei-me dele, desse idiota que me deu seu nome...*Tom Riddle...*” (ROWLING, 2001, p. 513)

Depois de finalizar seus estudos e deixar oficialmente a escola, Voldemort procurou Dumbledore e pediu para continuar em Hogwarts, no cargo de professor de Defesa Contra a Arte das Trevas. O pedido foi negado e, misteriosamente, a partir daquele momento, o cargo não mais foi ocupado pelo mesmo professor por mais de um ano. Depois de ter seu pedido negado, Voldemort passou a trabalhar para a loja Borgin & Burkes. Sua nova função causa grande estranhamento por parte dos professores e admiradores, que consideravam o serviço um desperdício de seu talento. Mais tarde, descobrimos que estava na verdade à procura de objetos de valor histórico para transformar em *Horcruxes*, objetos transformados magicamente e que passam a conter parte da alma do bruxo, deixando-o perto do estado de imortalidade.

Desde seus anos como estudante em Hogwarts, Tom Riddle era sociável, capaz de fazer amigos, conquistar professores e seguidores. Seus colegas, em especial os de sangue puro, depositavam nele suas esperanças de exercer o domínio no mundo bruxo, e eventualmente tirar os bruxos da clandestinidade. Este grupo de admiradores era chamado de “Comensais da Morte”, e foi cúmplice no terror perpetrado no mundo bruxo quando Lord Voldemort estava no auge de suas forças. Os objetivos de Voldemort, contudo, eram em sua maioria de ordem pessoal. Ambicionava ser o bruxo mais poderoso de todos os tempos, e desejava mais do que tudo alcançar a imortalidade, e sempre colocou seus objetivos à frente daqueles dos colegas.

Em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), quando recupera sua forma física,

Voldemort se refere aos comensais como sua “verdadeira família”. Ao perceberem que o Lorde das Trevas havia retornado, se apressam em jurar lealdade:

Então um Comensal da Morte se prostrou de joelhos, arrastou-se até Voldemort, e beijou a barra de suas vestes negras.

– Meu amo...meu amo...

– Os Comensais da Morte que vinham atrás o imitaram; um por um, eles se aproximaram de joelhos para beijar as vestes de Voldemort para depois recuar e se levantar, formando um círculo silencioso em torno do túmulo de Tom Riddle [...] (ROWLING, 2001, p. 514)

Neste mesmo capítulo, ouvimos também que alguns dos servos mais leais preferiram ir para Azkaban a renunciar a Voldemort, ainda que este parecesse estar morto. Com a certeza do retorno do seu líder, os Comensais da Morte se organizaram e iniciaram uma nova onda de terror no mundo bruxo.

4.2.Voldemort e Hitler

Tendo sido feita uma reflexão sobre os aspectos mais relevantes da figura histórica Adolf Hitler na seção 3.3., e da personagem de ficção Lord Voldemort, nesta seção será realizada uma comparação entre ambos, no intuito de observar em quais aspectos as figuras se assemelham ou diferem.

Ainda que seja possível identificar pontos de semelhança entre Hitler e Voldemort, a essência do personagem fictício é inventada. Carrega a marca da construção criativa da autora, e é um exemplo de verossimilhança interna, uma vez que seu papel na narrativa é coerente do início ao fim. Isto posto, apresentaremos a seguir as semelhanças e diferenças encontradas entre o vilão e o ditador Adolf Hitler. As afinidades entre os ideais de pureza propagados por ambos serão exploradas no capítulo 5.

Um dos pontos de aproximação entre Voldemort e Hitler é o empenho de ambos na construção de um personagem. Adolf Hitler encobriu grande parte do seu passado, dificultando o trabalho dos historiadores de coletar dados sobre sua biografia que não queria ver divulgados. Em seus discursos, vendia a imagem de um homem inspirador, que havia se feito sozinho, e que traria a Alemanha de volta à sua antiga glória. A ideia de que Hitler criou para si um personagem é sustentada por Fest (1976, p.11), que afirma que Hitler construiu um “monumento atrás do qual permanentemente

procurava ocultar-se”. De forma semelhante, Lukacs (1998) afirma que, graças à reserva de Hitler quanto à sua imagem, jamais saberemos tudo, ou mesmo o suficiente, sobre ele.

Esse processo de criação é ainda mais evidente no personagem literário. Tom Riddle cria para si mesmo uma nova identidade, com um novo nome, e completamente desvinculada de sua vida anterior, como órfão e filho rejeitado pelo pai antes mesmo de nascer. Portanto, tanto Hitler quanto Voldemort se utilizaram de personagens para conquistar seguidores, e eram considerados figuras de liderança.

A relação tumultuada com a figura paterna é também um ponto de convergência entre os dois. Por mais que se referisse ao pai sempre com palavras de respeito, a relação de Hitler e Alois era conturbada. Adolf Hitler nasceu em uma família de camponeses, com sérias dificuldades financeiras. Seu pai era um homem autoritário, de temperamento difícil, por vezes até mesmo violento. Suas aspirações para que o filho se tornasse um respeitável funcionário público entraram em conflito com a total falta de aptidão, ou até mesmo vontade, do filho em cumprir a vontade do pai, e isso complicou ainda mais a relação pai-filho. No caso de Tom Riddle, o ato de vingança contra a família ilustra o ódio e a mágoa que guardara por ter crescido em um orfanato, sem conhecer qualquer ideia de família. Além disso, a imagem negativa paterna parece ter gerado em Voldemort o seu ódio aos trouxas, e a crença na sua inferioridade.

Ambos Voldemort e Hitler eram figuras de grandes ambições. Hitler ambicionava reerguer a Alemanha e restaurar sua antiga glória, além de eliminar os perigos da contaminação da raça ariana com outras inferiores através do seu extermínio. As ambições de Voldemort, por outro lado, tinham motivações pessoais: queria ser um bruxo imortal, e o mais poderoso no mundo mágico. Desta forma, os objetivos são um distanciamento entre os personagens.

Outro fator de distanciamento entre eles é o alcance de suas conquistas. Ainda que o resultado de suas ações tenha sido desastroso para a humanidade, é inegável que Adolf Hitler teve grandes conquistas. Ascendeu ao poder e se manteve como líder do povo alemão durante doze anos. Por um período de tempo, trouxe tranquilidade ao povo assolado pela crise econômica pela qual o país passou. Durante a Segunda Guerra Mundial, seu exército obteve vitórias significativas, conquistou e reconquistou territórios. Lukacs (1998) reconhece a sua grandeza, afirmando que foram

[...] extraordinárias as realizações de Hitler – antes internas do que externas – nos seus anos de liderança na Alemanha. Ele não apenas tornou a Alemanha a maior, mais respeitada e temida das potências da Europa e não só reuniu os alemães da Áustria, Boêmia e Morávia, a maioria desejando entusiasticamente aglutinar-se em uma Grande Alemanha – mas deixou longe as realizações de Bismarck¹⁵. (LUKACS, 1998, p. 77-78)

Lord Voldemort, por sua vez, concentrou seus esforços na busca por poder e imortalidade. Não foram grandes suas conquistas antes de ser derrotado por Harry em *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), e é apenas no último livro da saga que consegue tomar o Ministério da Magia e agir livremente, de acordo com seus próprios princípios. Delega o comando do Ministério a Pius Thicknesse, bruxo que estava sob o efeito da Maldição *Imperius*¹⁶. Até mesmo o Registro dos nascidos trouxas e a eliminação dos indesejáveis foram ações deixadas a cargo de seus seguidores, enquanto Voldemort concentrava seus esforços em objetivos de ordem pessoal.

4.3.Os Ditadores no Mundo Bruxo

Nos volumes *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003) e *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), é possível identificar na narrativa características de um governo ditatorial.

A Ordem da Fênix (ROWLING, 2005) inicia com Harry novamente isolado na casa dos tios, aguardando ansiosamente por notícias do mundo bruxo, preocupado com o impacto que o retorno do Lorde das Trevas terá tanto na comunidade bruxa quanto no mundo dos trouxas. A preocupação cresce na medida em que nenhum ataque é noticiado no jornal dos bruxos *Profeta Diário*, e nenhum acontecimento inexplicável é notícia no jornal trouxa. Quando retorna para a companhia dos amigos, descobre que o Ministro da Magia vem trabalhando para abafar qualquer notícia relacionada ao retorno de Voldemort, desacreditando o testemunho de Harry, corroborado por Dumbledore.

Conforme mencionado na seção 3.1, Arendt (2012) atenta para o papel da propaganda na construção de um regime totalitário: “(...) a propaganda é um

¹⁵ Otto von Bismarck (1815-1898), conhecido como “Chanceler de Ferro”, é considerado por muitos historiadores como o estadista mais importante da Alemanha, responsável pela união dos países germânicos e instauração do 2º Reich.

¹⁶ Uma das três Maldições Imperdoáveis, proibidas pelo Ministério. A maldição faz com que a pessoa atingida obedeça às ordens do bruxo que a lançou.

instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não-totalitário; o terror, ao contrário, é a própria essência da sua forma de governo” (ARENDDT, 2012, p. 475). A propaganda, segundo a filósofa, é usada para divulgar as doutrinas ideológicas e mentiras utilitárias de acordo com os interesses do Estado, frequentemente direcionando o ódio das massas a um inimigo em comum. Menos do que a realidade, o que convence as massas é a “coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. (...) A propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência” (ARENDDT, 2012, p. 485-486).

Quando Harry reencontra os amigos Rony e Hermione, descobre que as notícias do *Profeta Diário* não apenas omitiram o retorno de Lord Voldemort, como tem sutilmente construído para Harry uma reputação de alguém que inventaria qualquer história que possa lhe render atenção:

– Bom, estão pintando você como uma pessoa fantasiosa e sedenta de atenção, que acha que é um herói trágico ou qualquer coisa assim – contou Hermione, muito depressa, como se fosse menos desagradável para o amigo saber desses fatos em menos tempo. – Eles não param de incluir comentários irônicos sobre você. Se aparece uma história mirabolante, escrevem mais ou menos assim: “Uma história digna de Harry Potter”, e se alguém tem um acidente estranho ou coisa parecida, dizem: “Vamos fazer votos para que ele não fique com uma cicatriz na testa ou vão nos pedir para venerá-lo” ... (ROWLING, 2003, p. 65)

Mais tarde, quando Harry retorna a Hogwarts, descobrimos que as tentativas de desacreditá-lo tiveram sucesso, pois até mesmo Simas Finnigan, seu colega com quem divide o dormitório desde o primeiro ano na escola, o confronta sobre as notícias.

Alvo Dumbledore é alvo das mesmas estratégias de manipulação, porém com consequências mais severas. Ao endossar o testemunho de Harry, é dispensado da Corte Suprema dos Bruxos e da Confederação Internacional dos Bruxos, lugares de prestígio na comunidade bruxa. Cornélio Fudge, Ministro da magia, vê as alegações de Dumbledore e Harry como uma ameaça não apenas à segurança do mundo bruxo, mas ao cargo que ocupa. Com medo de ser visto e lembrado como o Ministro que permitiu o retorno do Lorde das Trevas, associa as fugas em massa de Azkaban e outros delitos ao fugitivo Sirius Black, e assim torna o *Profeta Diário* um instrumento para tornar Harry, Dumbledore e Sirius os inimigos da paz no mundo bruxo.

Em *Como As Democracias Morrem*, Levitsky e Ziblatt (2018) afirmam que nem sempre um governo totalitário surge com um golpe de Estado, ou com um claro aviso prévio. Alguns políticos “aderem a normas democráticas no começo de suas carreiras, só para depois abandoná-las” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 31). É o caso do totalitarismo no mundo bruxo em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), pois Fudge não chegou a um cargo de poder através de um golpe, mas suas ações transformaram o seu governo em totalitário. Os autores apresentam quatro indicadores de comportamento autoritário, que servem como um alerta de que a democracia está em perigo:

Nós devemos nos preocupar quando políticos: 1) rejeitam, em palavras ou ações, as regras democráticas do jogo; 2) negam a legitimidade de oponentes; 3) toleram e encorajam a violência; e 4) dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 32)

Em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), o Ministro da Magia Cornélio Fudge, chefe executivo no mundo bruxo, por meio de uma manobra política, passou a interferir em Hogwarts. Além disso, se recusou a dar a Harry um julgamento justo quando Harry foi atacado por dementadores e precisou usar magia na frente do primo trouxa, e por pouco o julgamento não resultou na expulsão de Harry de Hogwarts. Vendo em Dumbledore um oponente político, Fudge fez de tudo para desacreditá-lo quanto ao retorno de Voldemort, ainda que isso tenha colocado em risco a segurança dos bruxos. Ademais, nesta mesma época houve o uso de tortura física como detenção, prática de Dolores Umbridge, professora e Alta Inquisidora que agia em nome do Ministro. Juntamente com a censura da mídia, o último ano de governo de Cornélio Fudge como Ministro da magia se enquadrou em todos os alertas indicados por Levinsky e Ziblatt (2018).

A professora Dolores Umbridge ocupa um papel central na construção do movimento totalitário em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003). Preocupado com a influência do diretor Alvo Dumbledore, tanto no ambiente escolar quanto na comunidade bruxa de modo geral, o Ministro indicou Umbridge, funcionária de sua confiança, para o cargo de professora de Defesa Contra a Arte das Trevas. Em um breve espaço de tempo, a funcionária é por ele nomeada Alta Inquisidora, e ganha cada vez mais território em Hogwarts, passando a agir como uma figura ditatorial. A nomeação é retratada no *Profeta Diário* como uma excelente novidade para os

estudantes e suas famílias. A notícia inclui um depoimento de Percy Weasley, irmão de Rony:

“Inicia-se assim uma nova fase no plano ministerial para enfrentar o que alguns têm chamado de queda nos padrões de Hogwarts.”, diz Weasley, “A Inquisidora terá poderes para inspecionar seus colegas educadores e se assegurar de que estejam satisfazendo os padrões desejados. [...]”

As novas medidas do Ministério receberam o apoio entusiástico dos pais dos alunos de Hogwarts.

“Eu me sinto muito mais tranquilo agora que sei que Dumbledore está sujeito a avaliações justas e objetivas”, declarou o Sr. Lúcio Malfoy, 41, à noite passada de sua mansão de Wiltshire. “Muitos de nós, que no fundo queremos que nossos filhos sejam felizes e bem-sucedidos, estávamos preocupados com algumas decisões excêntricas que Dumbledore andou tomando nos últimos anos, e ficamos contentes de saber que o Ministério está atento à situação. (ROWLING, 2005, p. 256) (grifos da autora)

As “nomeações excêntricas” às quais Lúcio Malfoy faz referência na notícia dizem respeito ao ex-professor da disciplina Defesa Contra as Artes das Trevas Remo Lupin, lobisomem, ao meio-gigante Rúbeo Hagrid, professor de Trato das Criaturas Mágicas, e ao ex-auror e ex-professor de Defesa Contra as Artes das Trevas (e membro da Ordem da Fênix) Olho-Tonto Moody. Ao dar espaço para Lúcio Malfoy, patriarca de uma família tradicional de sangue puro, verbalizar seus preconceitos não apenas contra o diretor, mas também contra bruxos que considera inferiores, e, portanto, não dignos de ocupar um cargo de educador, o jornal passa a ser conivente com a ideologia de sangue puro defendida pelos Malfoy e outras famílias da elite bruxa.

Em Hogwarts, Dolores Umbridge inicia o ano letivo como professora de Defesa Contra as Artes das Trevas, e como Alta Inquisidora¹⁷ assume um papel ditatorial, com poderes semelhantes aos de um diretor. No mundo real, Hitler não tentou impor sua autoridade à do presidente Paul von Hindenburg. Ao invés disso, governou por meio de decretos que se sobrepunham à democrática Constituição de Weimar. De forma semelhante, Umbridge conduzia Hogwarts por meio de decretos, que representavam os interesses do Ministério da Magia. Os *Decretos Educacionais* tinham alto teor ditatorial, como o que dizia respeito à relação entre professores e alunos:

¹⁷ O título assumido por Umbridge faz referência ao período da Inquisição, no qual os tribunais da Igreja Católica perseguiram e julgaram pessoas que consideravam contrárias aos dogmas do cristianismo católico.

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Doravante, os professores estão proibidos de passar informações aos estudantes que não estejam estritamente relacionadas com as disciplinas que são pagos para ensinar.

A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Seis

Assinado: Dolores Joana Umbridge, Alta Inquisidora. (ROWLING, 2003, p. 450) (grifos da autora)

Os professores eram periodicamente avaliados, e os alunos constantemente monitorados. Todos os professores de Hogwarts passaram por um período de inspeção, no qual Umbridge fazia anotações, interrompia as lições para questionar a qualificação dos educadores para o cargo, e para questionar os alunos (em especial, os alunos da Sonserina) sobre sua satisfação com relação às aulas.

O dia a dia dos estudantes foi perturbado não apenas pela constante presença de Umbridge nas aulas, mas também pelos Decretos Educacionais que limitavam suas liberdades. Um dos decretos proibia a reunião de estudantes, inclusive em grupos e clubes já existentes:

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Todas as organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis estão doravante dissolvidos.

Uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube é aqui definido como uma reunião regular de três ou mais estudantes.

A permissão para reorganizá-los deverá ser solicitada à Alta Inquisidora (Prof.^a Umbridge)

Nenhuma organização, sociedade, nenhum time, grupo ou clube estudantil poderá existir sem o conhecimento e a aprovação da Alta Inquisidora.

O estudante que tiver organizado ou pertencer a uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube não aprovado pela Alta Inquisidora será expulso. [...] (ROWLING, 2003, p. 291)

As ordens de Umbridge foram cumpridas de forma arbitrária, pois os alunos da Sonserina foram favorecidos e facilmente aprovadas as suas solicitações para retomar o time de quadribol, enquanto o time da Grifinória só recebeu permissão para reunir o time após a intervenção da diretora da casa, prof.^a Minerva McGonagall.

Houve, ainda, o uso de tortura física como forma de punição aos alunos, algo que pode ser relacionado às atitudes das autoridades em regimes totalitários. Como detenção, Harry foi forçado por Umbridge a escrever a frase “*Não devo contar mentiras*” com uma pena mágica que transformava as palavras em cortes nas costas da sua mão. O mesmo castigo foi aplicado a outros alunos, com palavras diferentes.

Mais tarde, quando a *Armada de Dumbledore* foi descoberta, o diretor assumiu

a culpa para evitar que os estudantes fossem expulsos, e Dolores Umbridge foi oficialmente nomeada diretora. Quando assumiu uma função de maior poder, esses aspectos ditatoriais se tornaram mais evidentes. A escola passou a ser fortemente vigiada, tanto pela própria Umbridge, como no momento em que interrompe uma conversa entre Rony, Hermione, Harry e Sirius através da Rede de Flu¹⁸, quanto por seus aliados. Um de seus aliados mais fiéis é o zelador da escola, Argo Filch. Filch é visto inúmeras vezes no corujal em situações suspeitas, que indicam que estava monitorando a correspondência de Harry. Posteriormente, a própria Umbridge confessa a Harry a existência de uma rede de monitoramento, em tom de ameaça:

– [...] o poder do Ministério está comigo. Todos os canais de comunicação que entram na escola ou saem dela estão sendo monitorados. Um controlador da Rede de Flu está vigiando cada lareira de Hogwarts, exceto a minha, é claro. Minha Brigada Inquisitorial está abrindo e lendo toda a correspondência que entra no castelo e dele sai por via coruja. E o Sr. Filch está observando todas as passagens secretas de entrada e saída para o castelo. (ROWLING, 2003, p. 512)

Na fala de Umbridge, identificamos que suas ações tirânicas têm o respaldo do Ministério, possibilitando que interpretemos o Ministro como um personagem que é conivente com os atos ditatoriais que ocorrem na escola.

Arendt (2012) afirma que, além da propaganda, o terror é um instrumento do qual o totalitarismo se utiliza para manter os cidadãos sob controle. Ainda que o princípio de liderança, no qual um líder é cultuado e carrega em si todo o poder do Estado, seja um princípio marcante em um movimento totalitário, o líder não tem poder para causar sozinho o terror necessário. Em Hogwarts, a instituição que contribuiu para a disseminação do terror foi a chamada Brigada Inquisitorial, mencionada por Umbridge. Formada principalmente por alunos da Sonserina, a Brigada tinha como principal função o monitoramento e controle dos outros estudantes, e tinha autoridade para exercer esse controle. Em uma passagem, os alunos da Brigada confrontaram Rony, Harry e Hermione e explicaram seus novos privilégios:

– Brigada Inquisitorial, Granger – disse Malfoy, apontando para um minúsculo “I” no peito, logo abaixo do distintivo de monitor. – Um grupo seletivo de estudantes que apoia o Ministério da Magia, escolhidos a dedo pela Prof.^a Umbridge. Em todo caso, os membros da Brigada Inquisitorial *têm* o poder de

¹⁸ Meio de transporte do mundo bruxo, no qual são usados o pó de flu e uma lareira para transportar-se de um lugar a outro.

tirar pontos...então, Granger, vou tirar de você cinco por ter sido grosseira com a nossa nova diretora. Do Macmillan, cinco por me contradizer. E cinco porque não gosto de você, Potter. Weasley, a sua camisa está para fora, por isso vou ter que tirar mais cinco. **Ah, é, me esqueci, e você é uma sangue-ruim, Granger, então menos dez por isso.** (ROWLING, 2003, p. 508) (grifos nossos)

A fala de Draco Malfoy, além de explicar aos personagens e ao leitor a função da Brigada Inquisitorial, indica que apesar do movimento totalitário em Hogwarts não ser pautado na ideologia segundo a qual os bruxos de sangue puro são superiores, ela ganha cada vez mais presença, não apenas através de micro agressões verbais, mas também na forma de punição gratuita, como no trecho grifado na fala de Malfoy, citada acima.

Outro elemento marcante em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003) é o jornal *O Pasquim*, editado por Xenofílio Lovegood, pai de Luna Lovegood. A aluna é amiga de Harry e membro da Armada de Dumbledore. Por ter um editor excêntrico e trazer notícias demasiado fantasiosas, o jornal não tem a mesma credibilidade do *Profeta Diário*. Hermione Granger vê n' *O Pasquim* a oportunidade para contar a versão de Harry sobre os acontecimentos no Torneio Tribruxo e sobre o retorno de Voldemort. O impacto da publicação em Hogwarts é enorme, pois o depoimento de Harry responde a muitas dúvidas dos colegas, que não haviam sido respondidas de forma satisfatória pelo *Profeta Diário*, além de nomear os Comensais da Morte envolvidos na morte de Cedrico. Um decreto de Umbridge surge em resposta:

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

O estudante que for encontrado de posse da revista *O Pasquim* será expulso. A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Sete.

Assinado: Dolores Joana Umbridge,
Alta Inquisidora.

(ROWLING, 2003, p. 474)

O controle da imprensa foi igualmente exercido no regime nazista para convencer a população da crescente recuperação da Alemanha, e dos perigos oferecidos pela comunidade judaica. Algo semelhante ocorreu em Hogwarts com o decreto número vinte e sete.

No final de *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), Harry e Voldemort se enfrentam no Ministério da Magia, após um confronto entre os Comensais da Morte e os membros da Armada de Dumbledore e da Ordem da Fênix. O embate resulta em prisões, feridos, na trágica morte de Sirius e na exposição de Voldemort diante de

funcionários do Ministério, tornando público seu retorno ao mundo dos bruxos. Conseqüentemente, Fudge é deposto e em *O Enigma do Príncipe* (ROWLING, 2005) conhecemos o novo Ministro da Magia, Rufo Scrimgeour. Dolores Umbridge, por sua vez, é atacada pelos centauros que habitam a Floresta Proibida da escola após chamá-los de mestiços, e de lá é resgatada pelo próprio Dumbledore.

A era de Umbridge não ocorreu sem oposição ou resistência. Um movimento estudantil, organizado por Hermione Granger, surgiu como resposta à negação do evidente retorno do Lorde das Trevas, e à recusa de Umbridge em ensinar aos alunos como se defender. Este movimento de resistência estudantil é outra semelhança encontrada entre história e ficção, e será retomado no capítulo 6.

Um curto e categórico aviso enviado pelo personagem Kingsley Shacklebolt ao casamento de Gui Weasley e Fleur Delacour, no início do volume *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), marca o momento em que se iniciaria uma era de terror na sociedade bruxa: “O Ministério caiu. Scrimgeour está morto. Eles estão vindo. (ROWLING, 2007, p. 129)”. Em meio ao caos provocado pelo anúncio, Harry, Rony e Hermione fogem e passam a viver na clandestinidade. Outro assassinato que contribuiu para a queda do Ministério e a vitória dos bruxos das trevas é o do diretor Alvo Dumbledore, em *O Enigma do Príncipe* (ROWLING, 2005), pois sem a proteção de Dumbledore, o mundo bruxo estava consideravelmente vulnerável.

O golpe é explicado alguns dias depois, em um diálogo entre os personagens e Remo Lupin. Com o assassinato do Ministro, Comensais da Morte e o Ministério passam a agir sob a mesma bandeira. Em uma rápida e sigilosa visita ao trio, Lupin explica a Harry, Rony e Hermione que os comensais invadiram o casamento com violência:

“Ao mesmo tempo em que acabavam com o casamento, outros Comensais estavam invadindo as casas no campo que tinham ligação com a Ordem. Não mataram ninguém”, acrescentou, depressa, prevendo a pergunta, “mas foram violentos. Queimaram a casa de Dédalo Diggle, mas, como você sabe, ele não estava, e usaram a Maldição Cruciatas na família de Tonks, tentando descobrir onde você tinha ido depois de visitá-los. [...] (ROWLING, 2007, p. 165)

Scrimgeour é assassinado por Comensais da Morte, mas a notícia divulgada no mundo bruxo é a de que o Ministro renunciou e foi substituído. O homicídio, seguido do ataque à Toca, marca o início de um novo governo totalitário no mundo bruxo. Ao contrário do que ocorreu no último ano de governo de Fudge, o novo regime foi

instaurado por meio da força. Rony questiona sobre a escolha de Pio Thicknesse para Ministro ao invés do próprio Voldemort, conhecidamente líder e fomentador do golpe:

– O golpe foi hábil e virtualmente silencioso – respondeu Lupin. – A versão oficial para o assassinato de Scrimgeour é que ele renunciou; foi substituído por Pio Thicknesse, que está sob a influência da Maldição Imperius.

– Por que Voldemort não se declarou Ministro da Magia? – perguntou Rony. Lupin riu.

Não precisa, Rony. Ele é *de fato* o Ministro da Magia, então, para que iria se sentar atrás de uma mesa no Ministério? Seu fantoche, Thicknesse, está cuidando da burocracia diária, deixando Voldemort livre para estender sua influência para além do Ministério. (ROWLING, 2007, p. 167). (grifos da autora)

Livres para agir de acordo com seus ideais de pureza, os Comensais da Morte tomam posse do Ministério da Magia e optam por decisões que afetaram enormemente a vida dos bruxos. O *Profeta Diário* voltou a publicar suas reportagens de acordo com as diretivas do novo regime, e incluiu Harry na lista de procurados, sob o pretexto de que é necessário que o bruxo deponha sobre a morte de Dumbledore. A edição inclui também uma convocação para que os nascidos trouxas compareçam ao ministério para o novo “censo dos chamados nascidos trouxas” (ROWLING, 2007, p. 167).

Com a ideologia de superioridade dos bruxos de sangue puro legalizada no novo governo, bruxos nascidos trouxas foram brutalmente interrogados, e quando não conseguiam provar ter ao menos um bruxo na família, eram privados de suas varinhas. Esses eventos serão retomados no capítulo 5, no qual discutiremos as relações de raça e classe no mundo bruxo. Além disso, a frequência em Hogwarts passa a ser obrigatória para os estudantes com ascendência bruxa comprovada, como uma forma de controle da educação dos estudantes. São feitas mudanças no corpo docente para que a escola caminhe de acordo com o novo governo: Severo Snape se torna diretor, e os Comensais Amigo e Aleto Carrow assumem o cargo de professores de Defesa Contra as Artes das Trevas e Estudo dos Trouxas, além de estarem encarregados da disciplina.

Nessa fase, percebemos o uso dos dois instrumentos mencionados por Arendt (2012): a propaganda, que retratava os trouxas e bruxos nascidos trouxas como inimigos do progresso da sociedade bruxa, uma vez que as leis exigiam que os bruxos vivessem na clandestinidade. Os veículos de imprensa eram severamente controlados: o *Profeta Diário* publicava apenas o que era permitido, e *O Pasquim*,

jornal que apoiava Harry abertamente, é forçado a fechar quando Luna é sequestrada como punição pelas publicações do pai. O terror é usado como instrumento de controle, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade bruxa de forma geral: os bruxos e bruxas se mantinham em alerta constante, pois qualquer ato que desagradasse ao novo ministério poderia ser severamente punido.

Assim como em Hogwarts, na Alemanha nazista o sistema educacional passou por mudanças significativas para acomodar a ideologia do partido. Os discursos de Hitler eram transmitidos por rádio dentro do ambiente escolar e os professores instruíam os alunos quanto à superioridade da raça ariana e aos perigos da miscigenação. Havia também pôsteres de propaganda antissemita espalhados pelas escolas, além da inclusão da ideia de raça em todas as disciplinas, inclusive em “aritmética social”, momento em que era pedido que os alunos calculassem coisas como o custo de um deficiente físico para o Estado, por exemplo. De acordo com Evans (2014), os nazistas viam no sistema educacional uma forma de aliciar os jovens para que aceitassem a sua visão de mundo, além de ser um meio de treiná-los e prepará-los para a guerra. Num diálogo entre Neville e Harry em *Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), descobrimos que algo semelhante acontece em Hogwarts, pois a disciplina de Estudos dos Trouxas, que antes se dedicava a estudar o povo não mágico de forma acadêmica e respeitosa, agora assume o papel de fomentar a segregação entre bruxos e trouxas, além de fundamentar a ideia da superioridade da raça bruxa.

Em síntese, é possível identificar em *Harry Potter* não apenas uma figura ditatorial, Lord Voldemort, mas também outros bruxos que exercem esse papel, principalmente o ministro Cornélio Fudge e sua funcionária Dolores Umbridge. Por meio da propaganda, do controle de imprensa e do terror, Fudge e Umbridge encarregaram-se de manter o mundo bruxo sob rigoroso controle. O mundo dos bruxos enfrenta os horrores do totalitarismo em dois momentos da narrativa. Primeiro, sob o comando de Fudge, que de forma sutil subverte as leis democráticas do mundo mágico a fim de se manter no poder, e num segundo momento, quando se instaura um novo regime através de um golpe de estado, com o assassinato do ministro escolhido. Ambos enfrentaram oposição e resistência, que serão analisadas no capítulo 6.

4.4.Os ditadores e o Mal

Ao analisarmos as figuras, fictícias ou não, responsáveis por atos terríveis, é possível tecer algumas considerações sobre o mal que elas e suas ações perpetraram na sociedade. Um dos filósofos que se ocupou do estudo da origem e manifestação do mal foi Boécio (1998). Uma obra de grande relevância para o estudo desse tema é *A consolação da Filosofia* (BOÉCIO, 1998), escrita no século VI, quando o autor estava na prisão de Pávia, condenado por oposição e traição. Ela é dividida em cinco livros, nos quais Boécio trava um diálogo com a Filosofia, personagem que vem consolá-lo e lhe dar respostas.

No terceiro livro da série, Boécio pontua que o ser humano tem como seu maior objetivo e preocupação a busca pela felicidade, um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. A felicidade, para o filósofo, é “um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens.” (BOÉCIO, 1998, p. 55)

Nesse viés, o indivíduo não age com intenção de atingir o mal, mas para atingir o bem, no caso, a felicidade. Muitas vezes, porém, o ser humano em sua ignorância persegue o que Boécio chama de “falsos bens”, como a riqueza e o poder. Além disso, os meios utilizados para atingir o estado de felicidade almejado podem, muitas vezes, causar o mal.

Lord Voldemort, por exemplo, tinha como objetivo se tornar o bruxo mais poderoso de todos os tempos, e sua busca era por poder e vida eterna, que representavam para ele a felicidade. Essa busca egoísta acabou por ocasionar o mal em muitas situações. O mesmo princípio se aplica a Adolf Hitler, ao propor o extermínio de diversas raças, afirmava estar fazendo isto para o bem da nação, pois a humanidade estaria melhor ao ser descontaminada das raças minoritárias e consideradas inferiores.

Boécio (1998) entende o mundo como dirigido por Deus, cujo poder é soberano e se impõe a todas as coisas, e reconhece que “Deus é o bem, e o bem é, de certa forma, o piloto e o governante que garantem a estabilidade do universo” (BOÉCIO, 1998, p. 89). Assim, Deus dirige e comanda tudo para o bem e sob o comando do bem, tornando a existência do mal algo impossível. Ainda assim, Boécio (1998) reflete: “Poderia acaso Deus fazer o mal? De forma alguma. Portanto, o mal não existe, pois

mesmo o que pode tudo não pode fazer o mal” (BOÉCIO, 1998, p. 90). A felicidade, então, é “o soberano bem”, que reside no “Deus soberano” (Id). Contudo, cresce sua preocupação com a possível existência do mal, apesar do universo estar sob o comando de um ser inteiramente bom; mal que, além de existir, possa permanecer impune. Para responder a essas preocupações, a Filosofia afirma que há duas condições para a realização das coisas humanas: a vontade e a capacidade. A Filosofia não nega a capacidade de se fazer o mal, mas diz que, se há capacidade de fazer o mal, há também a capacidade para fazer o bem, e afirma que “se o bem é poderoso, torna-se clara a fraqueza do mal” (BOÉCIO, 1998, p. 98). O filósofo ressalta que “jamais as boas ações são deixadas sem recompensa nem as más sem seu castigo” (BOÉCIO, 1998, p.103). A recompensa às boas ações seria, simplesmente, o alcance do bem e da felicidade, e o castigo para quem praticasse o mal, por sua vez, seria a perda da natureza humana.

A perda da natureza humana é algo que pode ser reconhecido nas figuras centrais desta pesquisa: Hitler e Voldemort. Com relação a Adolf Hitler, o descaso para com outros seres humanos pode ser facilmente interpretado como perda da natureza humana. No caso de Voldemort, esta perda é tanta que, na maior parte do enredo, não pode ser encontrada no personagem nenhum traço de humanidade. Voldemort não demonstrou, em nenhum momento, qualquer emoção humana, como amor ou compaixão, nem mesmo por seus seguidores mais fiéis. A perda da natureza humana é ainda mais evidente, pois influencia sua forma física:

A perda da natureza humana, no seu caso, chega a ser física. Já no primeiro livro, Voldemort não possui um corpo próprio – após ser derrotado, perdeu o corpo físico e passou a viver à sombra de outros seres vivos, eventualmente usurpando o corpo do Professor Quirrell. O seu corpo passa a ser animalizado, o que ilustra a perda da natureza humana (BENATTO; BECKER, 2022, p. 95).

Quando recupera seu corpo físico em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), sua forma assume características animais:

Mais branco que um crânio, com olhos grandes e vermelhos, um nariz chato como o das cobras e fendas no lugar das narinas...[...] Suas mãos eram como aranhas grandes e pálidas; seus longos dedos brancos acariciaram o próprio peito, os braços, o rosto; os olhos vermelhos, cujas pupilas eram fendas, como as de um gato, brilhavam ainda mais no escuro. (ROWLING, 2001, p. 511-512)

A ideia de animalização também se faz presente em alguns trechos de *Minha Luta* (HITLER, 2001): “quem, cautelosamente, abrisse um tumor haveria de encontrar, protegido contra as surpresas da luz, algum judeuzinho. Isso é tão fatal como a existência de vermes nos corpos putrefatos” (HITLER, 2001, p. 47). A desumanização do povo judeu ao referir-se a ele como verme, ou parasita da cultura de outros povos, perdura por quase toda a obra, em diversos pontos. Tamanho descaso (ou pouco caso) para com outros seres humanos pode ser facilmente interpretado como perda relativa da natureza humana, castigo para a prática do mal.

Por fim, neste capítulo identificamos que Adolf Hitler e Lord Voldemort se assemelham em suas relações tumultuadas com a figura paterna, suas habilidades em influenciar as pessoas ao seu redor, e ambos empenharam-se na construção de um personagem desvinculado do seu passado problemático. Foi possível traçar também um paralelo entre eles considerando suas fortes ambições e a procura por glória pessoal.

As principais diferenças entre os dois objetos de estudo são seus objetivos e suas conquistas. Os objetivos de Hitler eram, principalmente, reerguer o império alemão e restaurar a pátria à sua antiga glória, e expurgar a nação ariana do povo judeu e outras minorias. Os objetivos de Voldemort, por sua vez, eram individualistas, relacionados principalmente ao seu desejo de se tornar o maior bruxo de todos os tempos, aquele que conseguiu vencer a morte. As conquistas de Hitler são inegáveis: ainda que seus métodos tenham sido perversos, e marcado a história como o maior genocídio do século XX, durante um período de tempo a Alemanha experienciou um grande crescimento econômico e de território. As conquistas de Voldemort, por sua vez, foram mínimas. Apesar de ser um bruxo inegavelmente poderoso, apenas por um breve período de tempo seus seguidores tiveram o mundo bruxo sob seu domínio. Embora tenha chegado perto de conseguir a tão desejada imortalidade com o uso das Horcruxes, não atingiu o status de imortal e foi derrotado por Harry no último volume.

Pontuamos também que foi possível perceber que Dolores Umbridge e Cornélio Fudge assumem um papel ditatorial em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003). Como Ministro, Fudge tomou decisões questionáveis que colocaram em risco a segurança no mundo bruxo, e manipulou a imprensa de modo que suas habilidades de liderança não fossem questionadas com o retorno do Lorde das Trevas. No ambiente escolar de Hogwarts, Umbridge age de forma totalitária ao assumir o cargo de Alta Inquisidora,

limitando a liberdade do corpo estudantil e docente e utilizando castigos físicos como punição.

No capítulo seguinte, discutiremos as relações de raça e classe no mundo bruxo, buscando identificar os preconceitos e estigmas no mundo bruxo, e de que forma isso espelha a segregação racial e o estigma das minorias no Terceiro Reich.

5.RAÇA E CLASSE NO MUNDO BRUXO

Neste capítulo, discutiremos as relações de raça e classe no mundo bruxo, observando de que forma os estigmas e preconceitos no mundo bruxo se aproximam da perseguição às minorias durante o regime nazista. Nas três primeiras seções, serão identificadas quais são as minorias no mundo bruxo, e as adversidades que enfrentam por sua condição. Em seguida, pontuaremos de que forma essas relações entre as minorias mágicas e os bruxos de sangue puro se aproximam das relações de raça e classe no mundo real, não apenas no que concerne ao Terceiro Reich, mas também com relação à própria sociedade britânica, além de questões relacionadas ao estigma.

5.1.Os Nascidos Trouxas

Conforme discutimos no capítulo 2, alguns bruxos de sangue puro acreditavam que a ancestralidade inteiramente mágica conferia a eles superioridade em relação a outras classes de bruxos, como os mestiços e os nascidos trouxas, e, acima de tudo, em relação aos trouxas. Para os adeptos desses ideais, os bruxos de sangue puro que simpatizavam ou se associavam aos trouxas e nascidos trouxas eram igualmente condenáveis. Essas crenças são predominantes principalmente em famílias tradicionais no mundo bruxo, como as famílias Black, Lestrangle e Malfoy.

O ideal de pureza no mundo bruxo é manifesto de forma direta, como nos momentos em que Malfoy se refere à Hermione usando o termo depreciativo *sangue ruim* em diversos diálogos, dentro do contexto escolar. Ainda que as ofensas sejam principalmente verbais e possam parecer inofensivas, em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), há uma passagem que ilustra como a defesa de tais ideais tem o

poder de se transformar em atos mais graves. Na ocasião da Copa Mundial de Quadribol, bruxos encapuzados invadem o acampamento e cometem atos terroristas contra alguns trouxas, um pai, uma mãe e duas crianças, que compartilhavam o espaço:

Um grupo compacto de bruxos, que se moviam ao mesmo tempo e apontavam as varinhas para o alto, vinha marchando pelo acampamento. Harry apertou os olhos para enxergá-los... não pareciam ter rostos... então ele percebeu que tinham as cabeças encapuzadas e os rostos mascarados. No alto, pairando sobre eles no ar, quatro figuras se debatiam, forçadas a assumir formas grotescas. Era como se os bruxos mascarados no chão fossem titereiros e as pessoas no alto, marionetes movidas por cordões invisíveis que subiam das varinhas erguidas. Duas das figuras eram muito pequenas. (ROWLING, 2001, p. 98)

No momento da fuga de Rony, Harry e Hermione, o trio encontra Malfoy e seus amigos em meio ao tumulto. Malfoy aparenta indiferença. Demonstra não sentir medo algum da ação, e ameaça Hermione, sugerindo que a bruxa estaria em maior perigo do que os outros:

– Granger, eles estão caçando *trouxas* – disse Malfoy. – Você vai querer mostrar suas calcinhas no ar? Porque se quiser, fique por aqui mesmo... eles estão vindo nessa direção, e todos vamos dar boas gargalhadas.
– Hermione é bruxa – rosou Harry
– Faça como quiser, Potter – disse Malfoy sorrindo maliciosamente. – Se você acha que eles não são capazes de identificar uma Sangue Ruim, fique onde está. (ROWLING, 2001, p. 100-101)

O preconceito contra os bruxos nascidos em famílias de trouxas é manifesto também de forma sutil, como na fala do Professor Slughorn ao conversar com Harry sobre Lily Evans, mãe do garoto:

– Sua mãe, naturalmente, nasceu trouxa. Não consegui acreditar quando soube. Eu achava que devia ser puro-sangue, era tão inteligente!
– Uma das minhas melhores amigas é trouxa – comentou Harry – , e é a melhor aluna da nossa série.
– Engraçado como isso às vezes acontece, não é? (ROWLING, 2005, p. 59)

Em diversos momentos durante *O Enigma do Príncipe* (ROWLING, 2005), o professor se diz livre de preconceitos. Porém, a insinuação de que bruxos puro-sangue estão mais próximos do sucesso é uma fala recorrente. Um exemplo se encontra no trecho seguinte, numa conversa entre Slughorn e Voldemort: “[...] não

poderia ser mais evidente que você descende de boa família bruxa, com as habilidades que tem. Não, você irá longe, Tom, até hoje jamais me enganei a respeito de um aluno.” (ROWLING, 2005, p. 388)

A crença na supremacia dos bruxos de linhagem puramente bruxa serve como gatilho para as duas guerras reportadas nos livros da saga, e teve resultados catastróficos para as classes “inferiores”. Os bruxos que partilhavam desses ideais viram em Tom Riddle um líder que os levaria ao lugar de superioridade que lhes parecia ser de direito, e impediria os nascidos trouxas de compartilharem o mundo mágico com os bruxos de sangue puro. A primeira daquelas guerras é descrita pelos personagens sobreviventes como um período de medo e terror, no qual não se sabia com certeza quem compactuava com as ações de Voldemort. Além de Lílian e Tiago Potter, pais de Harry, inúmeros bruxos foram mortos, e outros tantos foram torturados até a loucura, como Alice e Frank Longbottom, pais do personagem Neville Longbottom,

A comparação entre os ideais de superioridade – sangue puro, na saga *Harry Potter*, e os de eugenia no Terceiro Reich, caracteriza uma forte aproximação entre o texto literário e o mundo real. Esta convergência pode ser vista com mais clareza no livro *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), volume que se inicia com a cena de tortura e assassinato da professora de Estudo dos Trouxas, Caridade Burbage, num indício claro de desprezo pela disciplina ministrada pela professora. No mesmo volume, descobrimos que no mundo dos trouxas ocorreram inúmeros assassinatos de trouxas anônimos, motivados por esses ideais de superioridade bruxa. Esses crimes foram noticiados no jornal bruxo *Profeta Diário*, e permaneceram inexplicáveis no mundo não mágico.

No momento em que Lord Voldemort e os Comensais da Morte ganham controle total sobre o mundo bruxo através do golpe em *Relíquias da Morte* (2007), puderam impor seus ideais de forma oficial à comunidade bruxa. Exercendo seu poder no Ministério da Magia, os Comensais dão um importante passo na direção de eliminar os indesejáveis da sociedade bruxa com a criação de um censo. O registro é noticiado no *Profeta Diário*, e o trio toma conhecimento da notícia através da mediação do personagem Remo Lupin, responsável por contar as novidades para os personagens:

– Registro para os Nascidos Trouxas
“O Ministério da Magia está procedendo a um censo dos chamados “nascidos trouxas” para melhor compreender como se tornaram detentores de segredos

da magia.

“Pesquisas recentes feitas pelo Departamento de Mistérios revelam que a magia só pode ser transmitida de uma pessoa a outra quando os bruxos procriam. Portanto, nos casos em que não há comprovação de ancestralidade bruxa, os chamados nascidos trouxas provavelmente obtiveram seus poderes por meio do roubo ou uso de força.

“O Ministério tomou a decisão de extirpar esses usurpadores da magia e, com essa finalidade, enviou um convite para que se apresentem a uma entrevista com a recém-nomeada Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas” (ROWLING, 2007, p. 167) (grifos da autora)

A criação da *Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas* foi o primeiro passo para o expurgo dessa classe do mundo bruxo. O registro servia principalmente como pretexto para que os nascidos trouxas fossem interrogados de forma tirânica e privados de sua varinha, ou que passassem a viver na clandestinidade. O registro oportunizou também a existência de grupos de sequestradores, “quadrilhas tentando ganhar dinheiro prendendo nascidos trouxas e traidores do sangue, o Ministério está [ria] oferecendo uma recompensa pelos capturados” (ROWLING, 2007, p. 298).

De forma semelhante, no regime nazista diversas medidas foram tomadas pelos que acreditavam na hegemonia da raça ariana na intenção de oprimir as raças “inferiores”. Conforme destacado no capítulo 3, surgiram mais de 400 decretos e normas que restringiam os direitos e ditavam normas para a vida pública dos judeus. Aos poucos, crianças foram proibidas de frequentar escolas, e médicos, advogados, contadores e outros profissionais foram impedidos de exercer sua profissão. A política antissemita do Terceiro Reich era apoiada por decretos que foram encarregados de, aos poucos, sentenciar a morte social do povo judeu.

Quando Harry, Rony e Hermione invadem o Ministério procurando por uma das Horcruces de Voldemort, se deparam com essa nova política, embasada na premissa de que “Magia é Poder”. Esses dizeres se encontravam em uma estátua de pedra, que mostrava um bruxo e uma bruxa sentados em tronos entalhados.

Harry olhou com mais atenção e percebeu que aquilo que imaginou serem tronos ornamentados eram, na realidade, esculturas humanas: centenas de corpos nus, homens, mulheres e crianças, todos com feições idiotas e feias, torcidos e comprimidos para sustentar os bruxos com belos trajes.

– Trouxas – sussurrou Hermione – No lugar que realmente lhes cabe, (ROWLING, 2007, p. 192)

A visita do trio ao Ministério indica que não apenas bruxos nascidos trouxa, mas bruxos puro-sangue que, em algum momento, tiveram contato ou vínculo com a raça inferior eram também monitorados e igualmente desprezados, chamados de

Traidores de Sangue. É o caso da família Weasley. O desprezo pela mistura dos bruxos de sangue puro com bruxos inferiores pode ser comparado ao despreço pelo casamento inter-racial entre arianos e não-arianos, algo que chegou a ser proibido por uma das Leis de Nuremberg.

A responsável pela *Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas* é ninguém menos que Dolores Umbridge, personagem que anteriormente havia exercido um papel crucial no movimento totalitário em Hogwarts dois anos antes. Além de ser a principal responsável pela execução dos interrogatórios aos nascidos trouxa, também teve participação na elaboração da propaganda do novo regime. A personagem foi autora de uma reportagem, também divulgada pelo *Profeta Diário*, na qual alertava quanto ao perigo que os bruxos “inferiores” poderiam oferecer à sociedade bruxa. A seguinte reportagem é lida por Harry:

SANGUES-RUINS

E os perigos que oferecem a uma sociedade pacífica de sangues-puros.

Sob o título, havia a foto de uma rosa vermelha, e, entre suas pétalas, um rosto afetando um sorriso estrangulado por uma erva verde com presas e aspecto feroz. Não havia nome de autor no panfleto, mas as cicatrizes no dorso de sua mão direita pareceram novamente formigar quando ele o examinou. (ROWLING, 2007, p. 198)

A visita ao Ministério sob novas diretrizes dá ao trio um vislumbre dos terrores a serem enfrentados pelos inimigos do novo regime. Os nascidos trouxas trazidos para interrogatório aguardavam ser chamados em meio a dementadores, em duros bancos de madeira, em uma atmosfera de frio e desesperança. O trio assiste ao interrogatório de Maria Cattermole, bruxa nascida-trouxa, que, de acordo com as acusações, havia roubado sua varinha e sua magia de algum outro bruxo legítimo. O interrogatório utilizava os Dementadores – guardas de Azkaban – como forma de intimidação e tortura. Maria escapa do interrogatório com a ajuda do trio, que aconselha-a fugir do país com a família.

Na Alemanha nazista, não existiam Dementadores como instrumento de interrogatório, mas havia outras formas de tortura física e psicológica. Na série literária, a presença dos Dementadores causa nas personagens um enorme medo, e grande mal-estar. Algo semelhante ocorria no cenário da Alemanha no Terceiro Reich, no qual havia grande medo de denúncias e das ações da Gestapo, polícia secreta responsável pela ordem e pela captura dos judeus, membros da resistência ao regime e indesejáveis. Conforme crescia a segregação na Alemanha, muitos judeus, negros,

ciganos e outros “indesejáveis” se viram obrigados a fugir ou a se esconder para não serem mortos, ou enviados aos campos de concentração. A saga literária ilustra esta fuga na situação de Dino Thomas, Ted Tonks e Dirk Cresswell, nascidos trouxa, e Grampo e Gornope, duendes, também raça considerada inferior aos bruxos e perseguida quando o mundo bruxo estava sob domínio de Voldemort e seus aliados. O grupo é retido, por uma quadrilha de sequestradores, que buscava, na captura de fugitivos, obter lucro pessoal.

5.2. Duendes e Elfos

O mundo maravilhoso da saga *Harry Potter* não é constituído somente de bruxos. No decorrer da narrativa, nos deparamos com outros seres mágicos que, embora sejam dotados de qualidades e habilidades inquestionáveis, são considerados como “raças inferiores”. Os obstáculos enfrentados por essas criaturas, no entanto, não se devem apenas a imposições dos bruxos de sangue puro seguidores de Voldemort, ainda que estes sejam decididamente mais cruéis.

Um exemplo é o dos duendes, que tinham o controle do Gringotes, banco oficial dos bruxos, até o golpe no qual os Comensais da Morte tomaram o Ministério. Sabemos que os duendes não possuem mais autonomia para administrar o banco em um diálogo entre o grupo de fugitivos, que inclui os nascidos trouxas Dino Thomas, Ted Tonks, Dirk Cresswell, e os duendes Grampo e Gornope.: “– O Gringotes não está mais sob o controle total da minha raça. Não reconheço senhores bruxos” (ROWLING, 2007, p. 235). Contudo, em uma conversa com o Sr. Weasley sobre recrutar duendes como possíveis aliados, Gui Weasley, ex-funcionário do banco, reconhece que a relação entre bruxos e duendes nunca foi exemplar:

- Tenho certeza de que eles nunca se aliariam a Você-Sabe-Quem – falou o Sr. Weasley, balançando a cabeça. – Eles também sofreram perdas; lembra aquela família de duendes que ele assassinou da outra vez, perto de Nottingham?
- Acho que tudo depende do que oferecerem aos duendes – comentou Lupin.
- E não estou falando de ouro. Se oferecerem a liberdade que vimos negando a eles há séculos, ficarão tentados. (ROWLING, 2003, p. 74)

A partir do diálogo acima, é possível inferir que a relação entre os duendes e os bruxos já era tumultuada antes da tomada do Ministério e do início da era totalitária no mundo bruxo, fato que indicaria uma não colaboração por parte dos duendes

naquele momento.

Outra raça de criaturas mágicas é a dos elfos domésticos. Elfos domésticos são seres mágicos que, embora tenham poderes extraordinários, trabalham em uma situação semelhante a um regime de escravidão. Habitados a essas condições, servem aos seus patrões sem esperar deles nada em troca, nem pagamento e nem qualquer gentileza. O tempo de serviço dos elfos é indeterminado, pois só podem deixar a sua família se forem presenteados com roupas, e assim libertos. São forçados a usar trapos, e se auto castigam caso desobedeçam ou desagradem aos seus senhores. O primeiro elfo que conhecemos é Dobby, que faz sua primeira aparição em *A Câmara Secreta* (ROWLING, 2000b). Dobby visitou Harry quando este passava suas férias de verão na casa dos Dursley. Sua visita trouxe um aviso importante, e apesar da confusão e do medo dos tios descobrirem a presença do elfo, Harry convida Dobby a se sentar. O convite o deixou extremamente emocionado, pois não era comum que os bruxos o tratassem com gentileza. Quando Harry comenta sobre a visita com os Weasley, descobre que os elfos normalmente servem a famílias de bruxos antigas e abastadas.

Dobby é libertado por Harry graças a uma engenhosidade do bruxo, que arquitetou um esquema para que Lúcio Malfoy entregasse uma meia para o elfo. Depois de liberto, tem dificuldade para encontrar outro trabalho, e passa a ser malvisto pelos outros elfos, pois trabalhar sem direitos ou pagamento não era mais uma opção. Quem avisa Harry sobre as dificuldades enfrentadas por Dobby é Winky, elfo doméstico que serve a família de Bartô Crouch, funcionário importante no Ministério da Magia.

Conhecemos Winky em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), na Copa Mundial de Quadribol, ocasião que reuniu bruxos do mundo todo. A situação de Dobby é descrita por Winky num diálogo entre o elfo e Harry:

– Ah, meu senhor – disse Winky, sacudindo a cabeça –, ah, meu senhor, sem querer lhe faltar ao respeito, meu senhor, mas não tenho muita certeza se o senhor fez um favor a Dobby, meu senhor, quando deu liberdade a ele.

– Por quê? – perguntou Harry, espantado. – Que é que ele tem?

– A liberdade está subindo a cabeça dele – disse Winky tristemente, – Ideias acima da condição social dele, meu senhor. Não consegue outro emprego, meu senhor.

– Por que não?

Winky baixou a voz uma oitava e sussurrou:

– *Ele está exigindo pagamento pelo trabalho que faz, meu senhor.* (ROWLING, 2001, p. 82) (grifos da autora)

Além do espanto por um elfo doméstico estar exigindo pagamento pelo trabalho, é notável a forma como Winky se refere a Harry, um bruxo adolescente que não é seu patrão, como *senhor*, com decoro exagerado e grande medo de ofendê-lo. O diálogo evidencia que os próprios elfos se auto rebaixam a um nível menor que o dos bruxos. Winky é “demitida” injustamente por Bartô, ao ser vista de posse de uma varinha no momento em que a marca negra foi conjurada, na Copa Mundial de Quadribol. Apesar de ser inocente, é fortemente desacreditada pelos bruxos presentes. Bartô decide que, apesar de Winky não ser culpada de conjurar a marca negra, deixou a barraca e desobedeceu às suas ordens, atitude digna de bani-la de servir a família. Indignada, Hermione sai em defesa do elfo:

– Mas ela estava assustada! – explodiu Hermione aborrecida, encarando o Sr. Crouch. – O seu elfo tem pavor de alturas, e aqueles bruxos estavam fazendo as pessoas levitarem! O senhor não pode culpá-la por ter querido sair de perto! O Sr. Crouch deu um passo atrás, desvencilhando-se do contato com o elfo, a quem ele examinava como se fosse algo imundo e podre que contaminava seus sapatos muito bem engraxados.

– Não preciso de um elfo doméstico que me desobedeça. – disse ele friamente, erguendo os olhos para Hermione. – Não preciso de uma criada que esquece o que deve ao seu senhor e à reputação de seu senhor.

[...]

– O jeito como a trataram! – disse Hermione, furiosa. – O Sr. Diggory chamando-a de “elfo” o tempo todo... e o Sr. Crouch! Ele sabe que não foi ela e ainda assim vai despedir Winky! Não se importou que ela tivesse sentido medo nem que estivesse perturbada, era como se ela nem fosse humana! (ROWLING, 2001, p. 114)

A indignação de Hermione com relação ao tratamento dispensado a Winky perdura durante o restante da saga, em especial durante o quarto volume. Em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), descobrimos que o uso da mão de obra gratuita dos elfos não é exclusividade de famílias elitistas, pois é usada também nos serviços domésticos de Hogwarts. Os elfos são descritos por Nick Quase Sem Cabeça, um dos fantasmas que habitam Hogwarts, como funcionários quase invisíveis, que “[...] raramente deixam a cozinha durante o dia, não é? Saem à noite para fazer limpeza...abastecer as lareiras e coisas assim...quero dizer, não é esperado que fiquem à vista. Essa é a marca de um bom elfo doméstico, não é, que não se saiba que ele existe”. (ROWLING, 2001, p. 147).

A descoberta de uma classe que trabalha sem pagamento e sem direitos trabalhistas para o conforto dos bruxos da escola é um choque para Hermione, mas tratada com naturalidade por outros personagens nascidos em famílias bruxas, como

os Weasley. Dobby foi aceito para trabalhar na escola junto com os outros elfos, e passou a receber pagamento por seu serviço. Sua atitude foi bem-vista por Hermione e Dumbledore, mas seus pares têm dificuldade em aceitar a forma de serviço remunerada. Movida pela indignação quanto à situação dos elfos, e possivelmente por ser ela mesma uma minoria na sociedade bruxa, Hermione decidiu criar o F.A.L.E. – Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos, cujo objetivo inicial era:

– [...] obter para os elfos um salário mínimo justo e condições de trabalho decentes. A longo prazo, os nossos objetivos incluem mudar a lei que proíbe o uso da varinha e tentar admitir um elfo no Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, porque eles são vergonhosamente sub-representados. (ROWLING, 2001, p. 181)

De forma geral, a iniciativa de Hermione foi malrecebida, tanto por seus colegas quanto pelos próprios elfos domésticos. Poucos colegas se associaram ao F.A.L.E, e nenhum dos elfos, além de Dobby parecia concordar com a pauta do movimento. Pelo contrário, seus pares se envergonhavam da ousadia de Dobby de exigir pagamento, usar roupas e falar mal de seus ex-senhores.

Outro elfo doméstico que ganha destaque nos anos seguintes é Monstro, servo da família Black. Em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), Sirius voltou a ocupar a casa de sua família, na qual passara sua infância até fugir de casa aos dezesseis anos, descontente com o papel conservador que a família exercia na comunidade bruxa, e por discordar fortemente dos ideais de pureza defendidos por eles. Monstro, elfo fiel a seus senhores, continuou na casa da família Black, onde ficou sozinho por muitos anos. De acordo com as leis mágicas, Monstro era obrigado a obedecer a Sirius, por ser o último Black vivo. Sua lealdade, entretanto, se manteve atrelada aos seus falecidos senhores, de quem herdou também o preconceito contra os nascidos trouxas. Harry toma conhecimento desse traço da personalidade de Monstro logo no início de *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), ao flagrar o elfo falando sozinho:

– ...cheira a esgoto e ainda por cima criminoso, mas ela não é melhor, traidora perversa do próprio sangue com esses pirralhos que emporcalham a casa da minha senhora, ah, minha pobre senhora, se ela soubesse, se soubesse a ralé que deixaram entrar em sua casa, que é que ela diria ao velho Monstro, ah, que vergonha, sangues-ruins e lobisomens e traidores e ladrões, coitado do velho Monstro, que é que ele pode fazer... (ROWLING, 2003, p. 92)

Extremamente descontente em ter Sirius, que rejeitava os ideais da família, como seu senhor, e com o fato da outrora nobre casa da família Black agora servir

como quartel-general da *Ordem da Fênix*, organização que rejeita fortemente os ideais da família, Monstro encontra uma brecha em seu regime de escravidão e trai Sirius. O esquema arquitetado por Monstro e Narcisa Malfoy, prima dos Black e, portanto, também senhora de Monstro, tem como consequência a morte de Sirius. Quem esclarece Harry sobre tal esquema é Dumbledore, que nesse mesmo diálogo também defende a lealdade do elfo:

– Monstro é o que os bruxos fizeram dele, Harry – disse Dumbledore. – Ele merece compaixão. A vida dele tem sido tão infeliz quanto a do seu amigo Dobby. Foi forçado a obedecer a Sirius porque era o último da família de quem era escravo, mas não sentia a real lealdade pelo dono. E quaisquer que sejam os defeitos do Monstro, devemos admitir que Sirius não fez nada para amenizar a vida dele... (ROWLING, 2003, p, 672)

A fala de Dumbledore humaniza e valida os sentimentos do elfo, lembrando que mesmo as atitudes de uma criatura menosprezada podem ter um impacto considerável. Em *Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), descobrimos que Monstro teve papel importante na busca pelas Horcruxes. Lorde Voldemort pede a Régulo Black, irmão de Sirius, que lhe empreste o elfo para que possa deixar a Horcrux no esconderijo escolhido. Voldemort não dá a devida importância aos poderes mágicos do elfo, e assim Monstro é capaz de retornar e ajudar Régulo Black a roubar a Horcrux.

5.3.O Corpo Docente de Hogwarts

Em *O Prisioneiro de Azkaban* (ROWLING, 2000c), Hogwarts ganha um novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas. Um bruxo de aparência cansada e vestes extremamente surradas, Remo Lupin logo se prova ser um excelente professor, e sua disciplina se torna a favorita da maioria dos estudantes, com poucas exceções:

– Olha só as vestes dele – Malfoy diria num sussurro bem audível quando o professor passava. – Ele se veste como um velho elfo doméstico. Mas ninguém mais se importava se as vestes de Lupin eram remendadas e esfiapadas. Suas aulas seguintes tinham sido tão interessantes quanto a primeira. (ROWLING, 2000c, p. 118)

A preocupação com a imagem do professor era exclusiva dos alunos da Sonserina, e do professor Severo Snape, seu antigo rival. Posteriormente, descobrimos que a razão pela qual o professor vez ou outra aparentava estar cansado e doente, ou precisava se ausentar de suas atividades, era por ser um lobisomem,

raça que sofre enorme preconceito na comunidade bruxa.

Membro da *Ordem da Fênix* e antigo amigo dos pais de Harry, Lupin foi um excelente professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, mas foi forçado a deixar o cargo quando sua condição de lobisomem se tornou pública. A resignação de Lupin em abandonar o cargo antes mesmo de o diretor decidir demiti-lo indica que o preconceito por conta de sua condição não é algo novo para Lupin. O personagem também é alvo de políticas criadas por Dolores Umbridge, que dificultam que encontre um emprego e uma colocação digna como membro da sociedade Bruxa. É o que descobrimos no diálogo entre Harry e Sirius:

– [...] ela apresentou um projeto de lei contra lobisomens há dois anos, que torna quase impossível para ele arranjar um emprego.
Harry se lembrou da aparência mais andrajosa de Lupin ultimamente, e sua raiva de Umbridge aumentou ainda mais.
– Que é que ela tem contra lobisomens? – perguntou Hermione, indignada.
– Tem medo, imagino. – disse Sirius, sorrindo da indignação da garota. – Aparentemente, ela tem aversão a semi-humanos; no ano passado também fez campanha para que os sereianos¹⁹ fossem arrebanhados e etiquetados. (ROWLING, 2003, p. 252)

A fala de Sirius evidencia que o estigma que acompanha Lupin é compartilhado também por outras criaturas mágicas. Rúbeo Hagrid, parte do corpo docente de Hogwarts, sofre o mesmo preconceito por ser meio-gigante. O fato é revelado aos alunos em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001) em uma reportagem escrita pela jornalista Rita Skeeter, conhecida por fomentar fofocas e revelar segredos:

Rúbeo Hagrid, que admite ter sido expulso de Hogwarts no terceiro ano, e desde então exerce na escola a função de guarda-caça, um emprego que Dumbledore lhe arranjou. No ano passado, no entanto, usou sua misteriosa influência sobre o diretor da escola para obter o cargo suplementar de professor de Trato das Criaturas Mágicas, preterindo muitos candidatos com melhores qualificações. [...] Como se isso não bastasse, o Profeta Diário agora encontrou provas de que Hagrid não é – como sempre fingiu ser – um bruxo puro-sangue. De fato, não é sequer um ser humano puro. Sua mãe, podemos revelar com exclusividade, não é outra senão a gigante Fridwulfa, cujo paradeiro é atualmente desconhecido. (ROWLING, 2001, p. 349)

Hagrid, que ocupava o cargo havia um ano, é fortemente impactado pela reportagem. Nas semanas seguintes, se ausenta das aulas, e foge do convívio dos

¹⁹ Seres aquáticos que habitam o Lago Negro de Hogwarts.

amigos. Draco Malfoy aproveita a ausência do professor para provocar Harry, perguntando se o colega sente falta do “amiguinho mestiço” (ROWLING, 2001, p. 354). Dumbledore, Harry, Rony e Hermione lhe visitam e consolam o amigo, garantindo que não se importam com a ascendência de Hagrid.

Draco Malfoy e outros alunos da Sonserina, por outro lado, desde o terceiro ano em Hogwarts, deixam claro seu descontentamento com a nomeação de Hagrid como professor, referindo-se a ele com palavras desrespeitosas: “– Nossa, essa escola está indo para o brejo! – falou Draco em voz alta. – Esse pateta dando aulas, meu pai vai ter um acesso quando eu contar...” (ROWLING, 2000c, p. 96). Em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), quando a Alta Inquisidora Umbridge faz mudanças no quadro docente, as aulas de Hagrid são alvo de inspeção, e quando se torna diretora ordena a demissão do professor, agindo principalmente em nome da sua aversão a “semi-humanos”.

5.4. Preconceito em dois mundos

Além dos nascidos trouxa, duendes, elfos e professores de Hogwarts fora dos padrões estabelecidos pela alta sociedade bruxa, criaturas como centauros e gigantes também são hostilizadas no decorrer da saga, evidenciando que as relações de raça e classe no mundo bruxo são imperfeitas. Essa imperfeição evidencia a verossimilhança interna, pois mostra que a sociedade bruxa, como qualquer outra, possui defeitos estruturais. Colabora também para a construção da verossimilhança externa, uma vez que podemos relacionar essas imperfeições ao nosso mundo real.

Além da relação entre os preconceitos na saga e os ocorridos no Terceiro Reich, é possível também estabelecer um paralelo entre a sociedade britânica e a sociedade mágica. Loiacono e Loiacono (2011) exploram essas semelhanças, partindo da hipótese de que a família Malfoy espelha no mundo bruxo a aristocracia britânica. De acordo com as autoras, a família Malfoy representa uma classe privilegiada, que fará de tudo para manter seus privilégios.

A hierarquia no mundo bruxo, conforme pontuado na introdução, fundamenta-se na ancestralidade mágica e na pureza de sangue. A família Malfoy, além de ser uma tradicional família de sangue puro, também é possuidora de fortuna e influências. A riqueza dos Malfoy é evidenciada em diversos trechos da saga, em especial quando Draco ostenta em Hogwarts os presentes e guloseimas recebidos diariamente de sua

família. Quando o garoto manifesta o desejo de entrar para o time de quadribol, Lúcio compra o último lançamento em vassouras para todo o time. Na Copa Mundial de Quadribol, a família consegue bons assentos ao lado do Ministro da Magia mediante uma doação feita ao St. Mungus, hospital dos bruxos. A família também possui uma mansão luxuosa e, por um período, possuiu também um elfo doméstico. A família Malfoy, portanto, partilha algumas das características da aristocracia britânica, como o grande poderio econômico e o uso de criados para exercer funções domésticas. Conforme Loiacono e Loiacono (2011),

Os aristocratas ingleses dos séculos XIX e XX desempenharam um papel na história trouxa semelhante ao desempenhado pela Família Malfoy nos livros de Harry Potter. Como Lúcio, Draco e Narcisa, os aristocratas ingleses viviam num mundo privilegiado, sustentados pelo poder da riqueza e da tradição. Eles acreditavam na necessidade de manter um sistema de classes rígido e antiquado. A aristocracia desfrutou de um período de enorme influência na Grã-Bretanha durante o século XIX, até que a classe como um todo entrou em declínio após a Primeira Guerra Mundial. (LOIACONO e LOIACONO, 2011, p. 174) (tradução livre) (originais em itálico no rodapé)²⁰

Para sustentar seu poder e influência, a família Malfoy e outras famílias bruxas de tradição mantinham casamento apenas entre bruxos de sangue puro a fim de manter a pureza de sua linhagem. Quem ousasse se casar com alguém de ascendência inapropriada era imediatamente desassociado da família. Um exemplo é Andromeda Black, que se casou com o nascido trouxa Ted Tonks. Andromeda e Sirius tiveram seus nomes removidos da tapeçaria que retratava a árvore genealógica da família, extinguindo o seu vínculo com ela. Em uma passagem, Voldemort comenta sobre o nascimento do neto de Andromeda Black e Ted Tonks, filho de Ninfadora Tonks e do professor Remo Lupin. O bebê, portanto, era malvisto por ser descendente de um nascido trouxa e de um lobisomem, e seu parentesco com os Black era motivo de escárnio entre os Comensais da Morte. Nesta passagem, Belatriz, irmã de Andromeda, defende, frente a Voldemort, que não tem mais laços com a família da irmã:

– Nós, Narcisa e eu, nunca mais pusemos os olhos em nossa irmã depois que

²⁰ *English aristocrats in the nineteenth and twentieth centuries played a role in Muggle history similar to that filled by the Malfoy Family in the Harry Potter books. Like Lucius, Draco and Narcissa, English aristocrats lived in a privileged world, supported by the power of wealth and tradition. They believed in the necessity of maintaining a class system that was both rigid and antiquated. The aristocracy enjoyed a period of enormous influence in Britain during the nineteenth century, until the class as a whole entered a decline after World War I.* (LOIACONO; LOIACONO, 2011, p. 174)

ela casou com aquele sangue-ruim. A fedelha não tem a menor ligação conosco [...]

– Muitas das nossas árvores genealógicas mais tradicionais, com o tempo, se tornaram bichadas – disse, enquanto Belatriz o mirava, ofegante e súplice. – Vocês precisam podar as suas, para mantê-las saudáveis, não? Cortem fora as partes que ameaçam a saúde do resto.

– Com certeza, Milorde – sussurrou Belatriz, mais uma vez com os olhos marejados de gratidão. – Na primeira oportunidade!

– Você a terá – respondeu Voldemort. – E, tal como fazem na família, façam no mundo também...vamos extirpar o câncer que nos infecta até restarem apenas os que têm o sangue verdadeiramente puro. (ROWLING, 2007, p. 16)

Algo semelhante ocorria na aristocracia britânica, pois também naquela sociedade o casamento entre uma pessoa da nobreza e outra de uma classe mais baixa era fortemente condenado, visto como algo que contaminava a linhagem nobre, e frequentemente a pessoa de classe alta era deserdada pela família. Na Alemanha nazista, o casamento entre raças era oficialmente proibido. A Lei da Proteção do Sangue e da Honra Alemã condenava a união entre arianos e judeus, além de criminalizar as relações sexuais entre as raças. Quem cometia esses atos era chamado de “Poluidor da Raça”.

5.5.O Estigma

O sociólogo Erving Goffman (1988) ocupa-se de estudar o fenômeno do estigma, com foco na forma como o estigma impacta nas interações e nas ações dos indivíduos. De acordo com Goffman (1988), o termo *estigma* foi criado pelos gregos para referir-se a alguém com sinais corporais que poderiam significar algo mau ou extraordinário sobre o status moral de seu portador. Desde a Grécia Antiga, o termo passou por ressignificações, e o sociólogo busca dar ao termo uma definição mais abrangente. Goffman (1988) afirma que ao nos depararmos com um indivíduo com certos atributos que o tornam diferentes dos outros, é possível que deixemos de considerá-lo alguém comum, reduzindo o indivíduo a alguém “danificado”. O autor utiliza o termo para referir-se à “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.” (GOFFMAN, 1988, p. 4).

O surgimento de um estigma ocorre quando há uma desconformidade entre a *identidade social real*, características reais do indivíduo, e a *identidade social virtual*, algo que é atribuído a ele pela sociedade, e pode levar o sujeito ao descrédito. Essa desconformidade tem como efeito o “afastamento do indivíduo da sociedade e de si

mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo” (GOFFMAN, 1988, p. 20). Para o sujeito que é estigmatizado por uma condição já conhecida ou evidente, Goffman (1988) atribui o termo *desacreditado*. Se o atributo que o torna estigmatizado não é imediatamente perceptível, é considerado *desacreditável*.

Goffman (1988) indica três tipos de estigma:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 1988, p.7)

No caso de bruxos nascidos trouxa, assim como de judeus e outras minorias reprimidas durante o Terceiro Reich, a terceira categoria da classificação de Goffman (1988) parece a mais acertada: sofrem estigmas tribais. Não há uma marca física e visível que permita aos bruxos identificar o estigma do trouxa, mas uma vez que essa característica é descoberta, o olhar dos bruxos que defendem a superioridade do sangue inteiramente mágico se torna um olhar de desdém e superioridade. No caso dos judeus, o estigma tornou-se visível com a obrigatoriedade do uso da estrela amarela de Davi com a palavra *Jude* costurada sobre a vestimenta.

Os três tipos de estigma têm em comum o fato de que os estigmatizados seriam bem recebidos nas relações sociais cotidianas, não fosse o traço do estigma que acaba por ofuscar as outras características do indivíduo. De acordo com Goffman (1988), os chamados *normais*, aqueles que “não se afastam negativamente das expectativas particulares” (GOFFMAN, 1988, p. 8), frequentemente discriminam os estigmatizados com base nesse estigma, e por vezes procuram uma teoria para explicar a sua inferioridade, além de referir-se a ele em termos ofensivos.

A sobreposição do estigma sobre as outras características do indivíduo é algo que podemos observar em *Harry Potter*. A inteligência e excelente desempenho de Hermione Granger nas aulas são desconsiderados por aqueles que acreditam que os bruxos nascidos trouxas são menos dignos de estudar magia, e em *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), são efetivamente proibidos de frequentar a escola. A ótima

atuação de Lupin como professor de Defesa Contra as Artes das Trevas não foi garantia suficiente para que o lobisomem pudesse manter o emprego. Na Alemanha nazista, as minorias estigmatizadas também foram privadas de seus empregos, de suas posses e do direito de estudar, independente de outras qualidades que pudessem ter agregado às funções que exerciam.

Goffman (1988) tece também considerações sobre a forma como o próprio estigmatizado lida com seu estigma. A pessoa estigmatizada pode procurar resolver o seu estigma, como o que ocorre quando um analfabeto busca educação. Ainda assim, o que ocorre não é a mudança para um status *normal*, mas o que o autor chama de *transformação do ego*, quando alguém antes estigmatizado prova ter “corrigido” o seu defeito. Outra possibilidade é a do estigmatizado procurar corrigir esse atributo de forma indireta, ao se esforçar para dominar áreas que lhe são normalmente inacessíveis. Há também a chance de o indivíduo entender seu estigma como uma “benção”, ou empenhar-se em romper com as interpretações convencionais do seu caráter social. O estigma pode ter no indivíduo um efeito de insegurança, por não saber como será recebido e aceito entre seus pares, e isso possivelmente gera uma resposta agressiva ou retraída mediante as interações sociais, em especial quando o estigma é uma marca visível. Há a possibilidade de interpretarmos o desempenho escolar de Hermione, quase sempre superior ao dos demais, como uma tentativa de ofuscar o seu estigma de nascida-trouxa.

Outra reflexão importante feita por Goffman (1988) diz respeito aos esforços das pessoas estigmatizadas em desvincular-se da sua identidade rotulada. Um dos métodos para isso é mudar o próprio nome. Ao estigma não visível e não imediatamente reconhecível pelos normais, é possível que o indivíduo opte por manipular a sua identidade de forma que esse estigma não venha a ser um empecilho em suas relações sociais. É importante pontuar também que o próprio conceito de estigma está intrínseco às relações sociais, pois a percepção negativa que os *normais* têm de um sujeito estigmatizado varia de acordo com cada sociedade, dependendo inteiramente do contexto sociocultural e da percepção que o restante da sociedade tem para com o sujeito estigmatizado.

No regime do Terceiro Reich, adotar uma nova e falsa identidade era uma das formas encontradas pelos judeus para escapar da perseguição do regime. Em *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), bruxos nascidos trouxas mentiam sobre sua ancestralidade afirmando que eram mestiços, em uma tentativa de escapar dos

interrogatórios do Ministério. Outra mudança de identidade excepcionalmente relevante em *Harry Potter* é a do próprio Lord Voldemort. Tom Riddle filho, em busca de romper com o estigma de criança órfã, abandonada e filha de um pai trouxa, assassina a família paterna e muda o nome de batismo, escolhendo para si uma identidade mais apropriada às suas ambições.

Neste capítulo, identificamos quem são as principais minorias no mundo bruxo, e discutimos como os bruxos nascidos trouxa, e outros seres mágicos foram afetados pelos preconceitos e ideais de superioridade dos bruxos, principalmente no período em que a sociedade bruxa esteve sob um regime totalitário. Verificamos que essas minorias foram fortemente impactadas pela política de segregação durante esse período totalitário, que aspirava expurgar o mundo bruxo da presença de bruxos nascidos trouxa. O uso da propaganda e do terror em *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007) remete aos meios citados por Arendt (2012) para a instauração de um movimento totalitário, como foi discutido no capítulo 3. A proibição dos bruxos que não pudessem comprovar sua ascendência bruxa de frequentar Hogwarts, e o fato de serem severamente interrogados e privados de sua varinha, aludem às políticas de segregação do Terceiro Reich, que excluíram os judeus e outras minorias da vida pública, privando-os de seus empregos e de seus direitos básicos.

No capítulo seguinte, analisaremos de que forma o mundo bruxo resistiu aos horrores impostos pelos ditadores durante os períodos totalitários retratados na narrativa, buscando aproximações entre a resistência ao Terceiro Reich dentro da Alemanha.

6.RESISTÊNCIAS

As atrocidades cometidas por Voldemort e pelos Comensais da Morte tanto no mundo bruxo quanto no mundo dos trouxas não foram passivamente aceitas por todos os bruxos. Este capítulo dedica-se a analisar os personagens e os dois movimentos de resistência surgidos no mundo bruxo: a *Ordem da Fênix* e a *Armada de Dumbledore*, buscando possíveis diálogos entre esses movimentos e o movimento *Rosa Branca*, que resistiu às políticas do Terceiro Reich na Alemanha.

6.1.A Ordem da Fênix

Após o retorno do Lorde das Trevas em *O Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001), a *Ordem da Fênix*, núcleo de resistência que se opôs ao seu reinado de terror na época anterior à narrativa, foi convocado a se reagrupar. Após ser atacado por Dementadores quando estava na companhia de seu primo trouxa, Harry foi levado por aurores²¹ para o Largo Grimmauld, nº 12. Lá, descobre que a casa pertence à família Black, e agora serve como quartel general para a *Ordem da Fênix*, conforme Hermione explica a Harry: “É uma sociedade secreta – disse Hermione depressa – Dumbledore é o responsável, fundou a Ordem. São as pessoas que lutaram contra Você-Sabe-Quem da última vez.” (ROWLING, 2003, p. 59)

Nas semanas seguintes, Harry conhece outros membros da Ordem, liderada por Dumbledore desde a sua formação original, que inclui Olho-Tonto Moody, Sirius e Lupin. Outros, como a auror Ninfadora Tonks, são membros recentes. Através de uma foto trazida por Olho-Tonto, Harry identifica bruxos já falecidos que fizeram parte do núcleo:

Harry apanhou a foto. Um pequeno grupo de bruxos, alguns acenando para ele, outros erguendo o copo, retribuindo seu olhar. Aquele sou eu – disse Moody, apontando a própria imagem sem necessidade. O Moody na foto era inconfundível, embora o cabelo estivesse um pouco menos grisalho e o nariz, intacto. – E ali é Dumbledore ao meu lado, Dédalo Diggle do outro lado...essa é Marlene McKinnon, foi morta duas semanas depois de tirarmos a foto, pegaram toda a família dela. Estes são Franco e Alice Longbottom... (...) coitados – resmungou Moody – Melhor morrer do que passar pelo que passaram (...)

 (ROWLING, 2003, p. 45)

²¹ Grupo de bruxos associado ao Ministério da Magia cujo trabalho é lutar contra e capturar bruxos das trevas para que sejam julgados de acordo com as leis do mundo bruxo.

O início do quinto volume é marcado pela revelação dessa resistência, que se antecipa aos atos de Voldemort e seus Comensais. Uma vez que o Ministério se recusa a admitir que o bruxo das trevas retornou, a resistência nesse primeiro momento toma duas frentes. Quando Harry questiona os membros da Ordem sobre as próximas ações da resistência, descobre que a primeira será a de evitar que Voldemort concretize seus planos:

- Bem, para começar, Voldemort quer reorganizar o exército – explicou Sirius
- No passado, ele teve efetivos enormes sob seu comando: bruxas e bruxos que intimidou ou enfeitiçou para segui-lo, os fiéis Comensais da Morte, uma grande variedade de criaturas das trevas. Você o ouviu planejando recrutar os gigantes; bom, este é apenas um dos grupos que ele quer aliciar. Com certeza ele não vai tentar assumir o Ministério da Magia com meia dúzia de Comensais da Morte.
- Então vocês estão tentando impedi-lo de recrutar mais seguidores?
- Estamos nos esforçando ao máximo – disse Lupin. (ROWLING, 2003, p. 80)

A segunda frente é a resistência contra as diretivas do Ministério, que assume características totalitárias quando o Ministro Cornélio acredita que Dumbledore conspira para roubar o seu cargo. Num diálogo entre os irmãos Weasley, Harry e Hermione, Fred e Jorge Weasley comentam:

- Bom, parece que Fudge tinha percorrido o Ministério enfurecido para se certificar de que os funcionários não tivessem contato com Dumbledore – disse Jorge.
- No Ministério, o nome de Dumbledore virou lixo, ultimamente, entende – esclareceu Fred. – Todos pensam que ele só está criando problemas quando diz que Você-Sabe-Quem voltou.
- Papai falou que Fudge deixou muito claro que qualquer um que estivesse mancomunado com Dumbledore podia desocupar a escrivaninha – disse Jorge. (ROWLING, 2003, p. 63)

Movido por ideias ilusórias, o Ministro defende que o retorno de Voldemort é apenas um boato, criado por Dumbledore para desestabilizá-lo. Essa ilusão impede que o governo bruxo assuma o papel de proteger a sociedade bruxa contra o mal que começa a se formar. Numa conversa entre Lupin e Gui Weasley, Lupin esclarece as ações do ministro, e o terrível impacto na segurança dos bruxos:

- Enquanto o Ministério insistir que não há nada a temer da parte de Voldemort, é muito difícil convencer as pessoas de que ele retornou, principalmente se elas, para começar, não querem acreditar nisso. E mais, o Ministério está confiando que o *Profeta Diário* não noticie o que chama de campanha de boatos de Dumbledore e, assim sendo, a maior parte da

comunidade bruxa não tem a menor consciência de que alguma coisa tenha acontecido, e com isto se torna um alvo fácil para os Comensais da Morte, se estiverem usando a Maldição Imperius. (ROWLING, 2003, p. 81)

A fala de Lupin indica que a sociedade Bruxa se aproxima cada vez mais de um regime totalitário. Somado à tentativa de demitir todos os funcionários que tivessem ligação com Dumbledore, Fudge passa a exercer também o controle do principal jornal bruxo.

Nos dias que antecedem o retorno a Hogwarts, Harry e os amigos se ressentem de não poderem participar efetivamente da Ordem, sob a justificativa de que seriam muito jovens. Este sentimento os acompanha, e o desejo de resistir se intensifica conforme percebem que, assim como o Ministério, a escola de Hogwarts também está em vias de assumir características totalitárias, com Dolores Umbridge tentando manter funcionários e alunos sob vigia constante. Os bruxos adultos da Ordem mantêm o seu trabalho de recrutamento e disseminação de informação sobre o retorno de Voldemort, enquanto os jovens iniciam seu próprio movimento de resistência em Hogwarts.

6.2.A Armada de Dumbledore

O grupo *Armada de Dumbledore* surgiu inicialmente sob o pretexto de um grupo de alunos de aprenderem a se defender, visto que as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas de Umbridge eram puramente teóricas, e virtualmente inúteis. A possível razão para o programa ineficaz da professora é discutida pelos alunos, na primeira reunião do grupo:

– Pessoalmente, não consigo entender por que o Ministério nos impingiu uma professora inútil como essa, em um período tão crítico. É óbvio que se recusam a admitir o retorno de Você-Sabe-Quem, mas daí a nos mandar uma professora que está tentando nos impedir por todos os meios de usar feitiços defensivos...

– Nós achamos que a razão por que Umbridge não quer que treinemos Defesa Contra as Artes das Trevas – disse Hermione – é que ela tem uma ideia alucinada de que Dumbledore pode usar os alunos da escola como um exército particular. Acha que ele poderia fazer uma mobilização contra o Ministério. (ROWLING, 2003, p. 285)

Inspirada pelo temor do Ministério, Gina Weasley sugere que o grupo se chame *Armada de Dumbledore*, nome que foi aceito pelo restante do grupo. Antes mesmo do primeiro encontro, as reuniões da *Armada* passam a ser proibidas pelo *Decreto da*

Educação Número Vinte e Quatro, que dissolvia todas as “organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis” (ROWLING, 2003, p. 291) com três ou mais alunos, sob pena de expulsão.

Assim, a *Armada* que surgiu inicialmente como um grupo de estudos, se caracteriza como um núcleo de resistência, pois inicia e mantém suas reuniões não apenas pelo desejo de aprender feitiços defensivos, mas também como resposta aos decretos e imposições da Alta Inquisidora. A partir do conceito de resistência proposto no capítulo 3, que define o termo como uma atividade clandestina e ilegal, na qual há o voluntarismo e a luta multiforme, armada ou não, podemos considerar a *Armada de Dumbledore* como um movimento de resistência, pois surge voluntariamente da base (estudantes), promove uma atividade clandestina e ilegal, e seus encontros caracterizam ações de dissidência e desobediência. Esse movimento difere da *Ordem da Fênix*, grupo que a princípio era constituído apenas de bruxos adultos, muitos dos quais já haviam experienciado situações de combate com bruxos das trevas.

Algo semelhante ocorreu em *A Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), quando Hogwarts enfrentou um forte movimento totalitário protagonizado por Dolores Umbridge. As liberdades dos estudantes e professores eram cada vez menores, e suas ações cada vez mais controladas, em especial as de Harry, que era considerado inimigo do Ministério. A resistência que surge em resposta pode ser considerada um exemplo de desobediência civil. Quando o estudo de Defesa Contra a Arte das Trevas dirigido por Umbridge claramente não prepara os alunos para efetivamente se defenderem contra as artes das trevas, não há como recorrer às autoridades para resolver o problema, pois a professora age em nome do próprio Ministro da Magia. Numa forma clara de desobediência, os alunos se reúnem, aprendem e praticam juntos em segredo. Algo semelhante ocorreu na Alemanha hitlerista da Rosa Branca. Os jovens do grupo viram suas liberdades cada vez mais limitadas pelo totalitarismo do Estado, e compreendiam os horrores que a guerra e o regime promoviam. Como resposta, seus panfletos incentivavam a resistência não violenta.

Portanto, em um primeiro momento podemos considerar a resistência da *Armada de Dumbledore* como uma resistência passiva e não violenta, cujos atos resistentes consistiam em encontros proibidos e alguns atos de sabotagem, promovidos principalmente pelos gêmeos Fred e Jorge Weasley, o que aproxima o grupo da resistência proposta pelo *Rosa Branca*.

A resistência em Hogwarts se torna ativa no momento em que um confronto direto com Umbridge e os alunos da Brigada Inquisitorial é necessário, para que Harry possa ir ao Ministério salvar Sirius, que acreditavam estar sendo torturado por Voldemort. Usando Feitiços Estuporantes, para Desarmar e Azarações, Rony, Neville e Gina se libertam do domínio da Brigada, se unem a Harry e Hermione e o grupo viaja para Londres, com o objetivo de entrar no Ministério e salvar Sirius. No Ministério, há uma luta armada entre os Comensais e os grupos de resistência *Armada de Dumbledore* e *Ordem da Fênix*, momento que marca a união dos dois núcleos em atos de resistência ativa contra um mesmo inimigo. O episódio terminou com a morte de Sirius, a exposição de Voldemort e das falhas do Ministério e, principalmente, do Ministro.

No ano seguinte, com o retorno de Voldemort divulgado amplamente no mundo bruxo, a *Ordem* assume um papel central na defesa de Hogwarts. Com Umbridge fora da escola após a derrubada do Ministro, a *Armada* se dissolve temporariamente, e o grupo volta a se unir contra o totalitarismo que volta a afligir os estudantes de Hogwarts em *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007).

6.3. Contra o totalitarismo

Em *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), o mundo bruxo volta a enfrentar o totalitarismo com a queda do Ministério e a tomada de poder por Voldemort e seus Comensais. Até aquele momento, a resistência se mantinha majoritariamente passiva, visto que, assim como na Alemanha nazista, não era possível uma luta armada dos resistentes contra o Estado, com os Comensais no poder, e um combate armado entre os bruxos também era inviável.

A mudança de governo teve enorme impacto para os nascidos trouxa, que foram proibidos de frequentar a escola, assumir cargos no mundo mágico e se viram obrigados a fugir e se esconder para evitar os interrogatórios. Era amplamente divulgada a ideia de que eram seres perigosos, que ofereciam risco ao mundo bruxo.

A resistência, ainda que passiva, se manteve firme. Um dos atos de resistência é a rádio clandestina *Observatório Potter*, na qual bruxos contrários ao novo regime se reúnem para divulgar notícias e palavras de incentivo. De acordo com Rony, o programa é “[...] o único que diz a verdade sobre o que está acontecendo! Quase todos os programas estão seguindo a diretriz de Você-Sabe-Quem, todos exceto o

Observatório Potter.” (ROWLING, 2007, p. 340). Quando o trio consegue sintonizar o programa, usando uma senha secreta, ouve tristes notícias do assassinato de trouxas, e dos personagens Ted Tonks, Dirk Cresswell e do duente Gornope, parte do grupo que estava fugindo. O Observatório também incentiva que os bruxos façam a sua parte para proteger os amigos e vizinhos trouxas com práticas simples, como feitiços protetores, e noticia também que tentativas de resistência ativa, como a de Hagrid ao dar uma festa com o tema “Apoie Harry Potter” são atitudes perigosas, e não recomendadas.

Quando o trio vai até Hogwarts na busca pelas Horcruces, descobre que a escola enfrenta uma situação pior do que a vivida no ano que fundaram a *Armada de Dumbledore*, mas que apesar das repressões, a resistência estudantil se mantém viva. Neville, Gina e Luna tinham o costume de rabiscar as paredes da escola com frases como “Armada de Dumbledore: o recrutamento continua”, numa atitude semelhante às pichações do grupo Rosa Branca pelos muros de Munique.

Com Voldemort no poder, Severo Snape se torna diretor de Hogwarts. O diretor delega a disciplina para os irmãos Amico e Aleto Carrow. Mais do que o cargo de professores de Defesa Contra as Artes das Trevas e Estudo dos Trouxas, os irmãos exercem um papel controlador, repressor e doutrinador, conforme Neville explica aos amigos:

– Aleto, a irmã do Amico, ensina Estudos dos Trouxas, que é obrigatório para todos. Temos de ouvi-la explicar que os trouxas são animais, idiotas e porcos, e que obrigaram os bruxos a entrar na clandestinidade porque os tratavam com violência, e que a ordem natural está sendo restaurada. Recebi esse outro – ele apontou mais um corte no rosto – porque perguntei qual é a porcentagem de sangue trouxa que ela e o irmão têm. (ROWLING, 2007, p. 340)

Neville Longbottom foi um dos principais estudantes resistentes, e não foi o único estudante a resistir. Gina Weasley foi forçada a deixar a escola por precaução, e Luna Lovegood foi sequestrada por Comensais da Morte como punição pelas publicações do pai no jornal *O Pasquim*, favoráveis a Harry Potter. Outros estudantes que se opuseram foram acolhidos pela Sala Precisa, que se adaptou para receber e esconder os alunos, evidenciando que a Escola, enquanto prédio, também exerce um papel de resistência.

Outro personagem que se destaca neste quesito é o irmão de Alvo, Aberforth Dumbledore. Aberforth afirma que a Ordem acabou, e incentiva Harry a fugir e se

esconder. Suas palavras, no entanto, são contraditas por suas atitudes, pois é ele quem fornece comida aos estudantes escondidos, e permite que seu bar seja usado como passagem segura durante a Batalha de Hogwarts, que ocorre após a fuga do diretor Severo Snape, que se recusa a reagir aos ataques da professora Minerva, por razões que só serão conhecidas em passagens posteriores. Nesse momento, ela mobiliza o corpo docente para que defendam a escola do iminente ataque de Voldemort e seus comensais:

– Muito bem. Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado está a caminho – informou ela aos outros professores. Sprout e Flitwick ofegaram; Slughorn soltou um gemido. – Potter tem uma tarefa a cumprir no castelo por ordem de Dumbledore. Precisamos lançar todo tipo de proteção de que formos capazes, enquanto Potter faz o que precisa. (ROWLING, 2007, p. 466)

Este momento marca a passagem de uma resistência passiva e não violenta para um momento de luta ativa, na qual os dois núcleos *Armada de Dumbledore* e *Ordem da Fênix* unem forças na batalha contra os inimigos. Antes do triunfo de Harry sobre Voldemort, do bem sobre o mal, a Batalha de Hogwarts acarreta destruição de grande parte da escola, e inúmeras mortes.

É importante mencionar também que o personagem Severo Snape foi um resistente, ainda que seus atos de resistência tenham sido mantidos em segredo durante a maior parte da narrativa. Infiltrado no círculo íntimo de Lord Voldemort, secretamente auxiliou Harry de diversas maneiras, como a encontrar a espada de Gryffindor, objeto crucial para destruir as Horcruxes e tornar Voldemort mortal, e sugerir o plano dos “Sete Potters²²”, que tirou Harry da casa dos Dursley pela última vez. É ele quem disponibiliza as próprias memórias para que Harry descubra a verdade sobre sua ligação com Voldemort, e entenda como garantir que o vilão seja derrotado de forma definitiva.

É notável também a resistência individual do personagem Xenofílio Lovegood, pai de Luna. Editor do jornal *O Pasquim*, se recusou a publicar seguindo as diretrizes do Ministério e se manteve firme apoiando Harry e Dumbledore até que sua filha foi levada pelos Comensais como punição, momento em que foi forçado a cessar suas publicações.

²² Plano elaborado pela Ordem em *As Relíquias da Morte* para que Harry fosse levado em segurança da casa dos tios para a Toca, casa dos Weasley. Membros da Ordem beberam poção polissuco, que permite que quem a beba adquira a forma física de outra pessoa, e ficaram idênticos a Harry, distraindo os Comensais da Morte e permitindo o transporte do garoto.

É possível observar que a resistência em *Harry Potter* pode ser comparada à do núcleo Rosa Branca, principalmente segundo três dos critérios de resistência propostos por Rollemberg (2016):

“O resistente é dissidente, no sentido de ‘rebelde fora da lei’ ou que apela para uma ‘lei superior’, a da consciência”

Os membros do Rosa Branca eram dissidentes. Seus panfletos apelavam para a consciência do povo alemão, pedindo que fizessem sua parte para a queda do regime e dos horrores por ele trazidos. As ações defendidas pelo grupo eram principalmente atos de sabotagem, que teriam grande impacto se praticados por grande parte da população. Escrever, reproduzir e distribuir panfletos constituíam atos de desobediência civil, e caracterizava os membros do núcleo como “rebeldes fora da lei”.

De forma análoga, os membros da *Armada de Dumbledore* eram também dissidentes, que agiam através da desobediência civil em reuniões para praticar feitiços defensivos, apelando para a consciência dos colegas ao alertá-los para o retorno de Voldemort e a necessidade de estarem preparados para uma possível situação de perigo.

“Todos os resistentes enfrentam o mesmo inimigo”

Na Alemanha nazista, o inimigo comum aos membros do Rosa Branca era o Estado, o partido Nacional-Socialista e os horrores promovidos por ele. Em *Harry Potter*, o inimigo em comum aos membros da *Armada de Dumbledore* era Dolores Umbridge, e por consequência o ministro Cornélio Fudge, pois os atos totalitários de Umbridge ocorreram com o consentimento e aprovação do ministro. A *Ordem* inicialmente une forças para que o mundo bruxo esteja preparado para o retorno de Voldemort, porém logo descobre estar enfrentando também o representante do poder executivo do mundo bruxo.

“Os grupos de resistência surgem da base, saem de iniciativas individuais e não da vontade do Estado; são constituídos de baixo para cima, da periferia para o centro com líderes improvisados”

O Rosa Branca surge a partir da iniciativa de um grupo de jovens universitários, que eram conscientes de seus privilégios e incomodados pela segregação que a crença na superioridade do sangue ariano provocava em grupos minoritários. A *Ordem da Fênix* e a *Armada de Dumbledore* também surgiram em um contexto semelhante, ambos tinham nos jovens e estudantes grande parte de sua força. Os membros da *Ordem da Fênix* no tempo narrativo de *Harry Potter*, como os pais de Harry, Sirius e Lupin, são bruxos adultos, mas na formação inicial do grupo, na época de ascensão e poderio de Voldemort, eram jovens. Os núcleos de resistência bruxa contavam com bruxos de sangue puro, mestiços e bruxos nascidos trouxa, alguns dos quais eram parte também de outros grupos estigmatizados, como Remo Lupin, por exemplo. A *Ordem da Fênix* contava com bruxos da base, mas tinha também infiltrados no ministério, além de contar também com a liderança de Dumbledore. A *Armada de Dumbledore*, por sua vez, se aproxima mais do grupo *Rosa Branca* por ser composta apenas de estudantes.

Portanto, é possível afirmar que nas ocasiões em que o mundo bruxo passou por um período totalitário, houve também movimentos de resistência, assim como na Alemanha nazista. A resistência na saga literária contou com momentos de desobediência civil e resistência passiva não violenta, mas também com episódios de luta armada para derrubada do regime e do vilão Lord Voldemort.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa buscou analisar de que forma a saga literária *Harry Potter* espelha certos acontecimentos sombrios do Terceiro Reich: a presença forte de um ditador e um governo totalitário, políticas segregacionistas envolvendo judeus e outras minorias, e também células de resistência a esses horrores.

A partir das possibilidades metodológicas da Literatura Comparada, discutidas no capítulo 2, foi possível traçar um paralelo entre os preconceitos e conflitos no mundo bruxo com os ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, sendo possível perceber fortes aproximações do mundo bruxo com o mundo real. O mundo bruxo de *Harry Potter* é um mundo maravilhoso, que possui seres extraordinários, e humanos com poderes mágicos, mundo esse que coexiste com o mundo das pessoas comuns, e cujos elementos sobrenaturais não são questionados ou estranhados pelo leitor.

A complexidade desse mundo cresce no decorrer da narrativa, e descobrimos que, assim como o mundo real, o mundo mágico é permeado de preconceitos, estigmas e conflitos. Os defeitos do mundo mágico permitem que o leitor identifique a verossimilhança externa, que diz respeito à relação do mundo literário com o mundo real, mencionada no capítulo 2, pois a sociedade bruxa espelha a sociedade real em muitos aspectos, dentre eles a presença de ditadores e movimentos ditatoriais, núcleos de resistência a esses movimentos, e personagens estigmatizados.

Identificamos que o mundo bruxo passou por dois movimentos totalitários, caracterizados pela atmosfera de terror, pela mobilização da propaganda no jornal *Profeta Diário*, e pela forte presença de personagens ditatoriais e suas ações, características em comum com o regime nazista na Alemanha. Foi possível perceber fortes semelhanças entre o *führer* Adolf Hitler e o temido Lorde das Trevas, como a construção de uma identidade, a situação problemática com a família paterna, e a habilidade em conquistar seguidores. Além de Voldemort, Dolores Umbridge e Cornélio Fudge assumem um papel ditatorial de grande relevância para a narrativa.

Na Alemanha nazista, judeus, ciganos, homossexuais, negros e outras minorias foram estigmatizados, privados de seus direitos básicos, excluídos da vida pública e, por fim, vítimas de um violento genocídio nos campos de concentração. No mundo fictício, o estigma dos nascidos trouxas é um elemento de extrema importância para o enredo, pois é o principal gatilho para as duas guerras enfrentadas pela

sociedade bruxa. Além dos nascidos trouxas, lobisomens, meio gigantes e outras raças de seres mágicos, como elfos e duendes, são também estigmatizados e lidam com as dificuldades que cada estigma implica.

Os horrores enfrentados pelos bruxos em suas eras totalitárias não foram aceitos de forma totalmente passiva. A oposição estudantil da *Armada de Dumbledore* e de bruxos adultos da *Ordem da Fênix* (grupo que, no passado, começou também com estudantes de Hogwarts) é um forte elemento da narrativa, centrais principalmente em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003) e *As Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007), quando o mundo bruxo enfrenta o totalitarismo. O Terceiro Reich contou também com a inspiradora resistência de estudantes, como os do núcleo Rosa Branca, que embora privilegiados, não fecharam os olhos à injustiça e à barbárie.

Candido (2014) ressalta que, ao analisar a influência de elementos externos à obra na criação literária, é essencial observar se eles terão relevância na narrativa, ocasião em que se tornam internos. É possível estabelecer uma relação entre o totalitarismo na Alemanha nazista, as políticas segregacionistas e a resistência, elementos externos aqui estudados, com o totalitarismo no mundo bruxo, o estigma enfrentado por certos personagens, e os grupos de resistência *Armada de Dumbledore* e *Ordem da Fênix*. Podemos considerar esses elementos como sendo de grande relevância na narrativa, pois evidenciam que a sociedade bruxa, em certo grau, espelha também a sociedade do mundo real.

Portanto, foi possível perceber um forte paralelismo entre Adolf Hitler e Lord Voldemort. Além do vilão, o ministro Cornélio Fudge e Dolores Umbridge assumem também uma natureza ditatorial. Discutimos as questões raciais da saga literária em comparação com aquelas características do Terceiro Reich, e identificamos que bruxos nascidos trouxas, elfos domésticos, lobisomens e duendes foram estigmatizados. Ambos os bruxos nascidos trouxas e os judeus foram privados de seus direitos no momento em que as suas respectivas sociedades passaram por um movimento totalitário. Felizmente, houve também oposição e resistência tanto no mundo bruxo quanto na Alemanha nazista.

Em *Modernidade e Holocausto*, Zygmunt Bauman (1998) afirma que o holocausto é o grande fracasso da civilização moderna. O sociólogo nos adverte para o problema da falsa sensação de segurança trazida pelo pensamento de que esses episódios terríveis aconteceram muito longe de nós, no tempo e no espaço, como um

problema que acometeu exclusivamente aos judeus. Ao declarar que “Nenhuma das condições que tornaram Auschwitz possível realmente desapareceu e nenhuma medida efetiva foi tomada para evitar que tais possibilidades e princípios gerem catástrofes semelhantes a Auschwitz.” (BAUMAN, 1998, p. 30), o sociólogo nos abre os olhos para que estejamos alertas a sinais de novos genocídios.

Uma leitura de *Harry Potter*, saga que alcançou e continua alcançando milhares de leitores em escala mundial, sob a ótica dos conflitos raciais no mundo bruxo em comparação com os ocorridos na Segunda Guerra Mundial, possibilita que o leitor esteja também atento e crítico aos conflitos e preconceitos em sua própria sociedade. Trabalhos futuros poderão ampliar as discussões aqui propostas, estendendo a análise do estigma e da identidade para outros personagens, para outros movimentos totalitários ocorridos em épocas e lugares diferentes, e abarcando outros movimentos de resistência, tanto na Alemanha quanto nos países ocupados durante o Terceiro Reich.

8.REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Arendt, Hannah. **Crises da República**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENATTO, Ingrid C.; BECKER, Marcia R. **Lord Voldemort e Adolf Hitler: Retratos do Mal**. In: BECKER, M.R.; CABREIRA, R.H.U. (Orgs.) **Caminhos Para Harry Potter: do medievalismo á pós-modernidade**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 71-101
- BOECIO. **A consolação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do Romance**. In: A PERSONAGEM de ficção. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. cap. A personagem do romance, p. 51-81.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- CARVALHAL, Tânia. **O próprio e o alheio**. São Leopoldo: ED. UNISINOS, 2003.
- DIKÖTTER, Frank. **Como ser um ditador: o culto à personalidade no século XX**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.
- EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no Poder**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2014.
- EVANS, Richard J. **A Chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016
- FEST, Joachim. **Hitler**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 4. ed., 1988.
- HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LOIACANO, Laura; LOIACANO, Grace. **Were the Malfoys Aristocrats? The Decline and Fall of the Pure-Blooded**. In: REAGIN, N. R. (Org.) **Harry Potter and History**. New Jersey: John Wiley & Sons Inc, 2011. p. 173 - 193.
- LUKACS, John. **O Hitler da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- NELSON, Anne. **Orquestra Vermelha**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: Edusp, 2015.

REAGIN, Nancy R. Was Voldemort a Nazi? Death Eater Ideology and National Socialism. In: REAGIN, N. R. (Org) **Harry Potter and History**. New Jersey: John Wiley & Sons Inc, 2011. p. 127 - 152.

REES, Laurence. **O carisma de Adolf Hitler**. Rio de Janeiro: Leya, 2013.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. São Paulo: Unesp, 2014.

RODRIGUES, Selma C. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

ROLLEMBERG, Denise. **Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões, possibilidades**. ROLLEMBERG, Denise (org.). História e Memória das ditaduras do século XX, v. 1, p. 77-95. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SALAZARISMO. **História do mundo**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/salazarismo.htm>>. Acesso em 21 de fevereiro, 2023.

SALES, Maria V. **“Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz”** A Rosa Branca e sua resistência ao nazismo (1942-1943) Belo Horizonte, 2017. Dissertação (Mestrado) - UFMG, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AUTHBV>. Acesso em: 10 nov. 2022

SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca**. São Paulo: 34, 2014.

SMADJA, Isabelle. **Harry Potter: As Razões do Sucesso**. Rio de Janeiro:

Contraponto, 2004.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**. São Paulo: Abril, 2014.

OTTO Von Bismark. **E-biografia**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/otto_von_bismarck/>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

O QUE FOI A INQUISIÇÃO? **Super Interessante**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-inquisicao/>>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

WELLEK, R. **A crise da Literatura Comparada**. In: COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (Orgs.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Tradução de Maria L. R. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 108–119